

ANNO 1

N. 1

JUNHO DE 1936

[1]

ITALIA

REVISTA MENSAL DE CULTURA

Summario

MARIO ALESSANDRINI: *A nossa certeza* — FRANCISCO A. MAGALHÃES GOMES: *Historia social da Igreja* — NICOLA PENDE: *Sobre a Reforma da Escola media* — L. F.: *O Radio Rural* — MASSIMO BONTEMPELLI: *Il dominatore* — CORRADO ALVARO: *L'arte di Bontempelli*.

Os Premios Mussolini

NOTICIARIO

BIBLIOGRAPHIA

STUDIUM URBIS

(8 illustrações)



1\$000

Bello Horizonte

ITALIA

REVISTA MENSAL DE CULTURA

BELLO HORIZONTE

Redacção e Administração — Rua Tamoyos, 341

CAIXA POSTAL, 5

Director: Mario Alessandrini

COMITÊ DE REDACÇÃO

Lopes Rodrigues

Mario Casasanta

Guilhermino Cesar

ASSIGNATURAS

Para o Brasil (12 numeros)	12\$000
Para os outros paizes	20\$000
Sob registro	30\$000
Numero avulso	1\$000
Numero atrasado	2\$000

ABBONAMENTO ANNUO PER L' ITALIA

(Spedizione raccomandata)

L. 20

L'ITALIA LETTERARIA

*Grande settimanale illustrato di lettere,
arti e scienze*

• *M. Bontempelli - P. M. Bardi*
DIRETTORI

Abbonamento annuo L. 40

R O M A
V I A F R A T T I N A

S A P E R E

*Rivista Quindicinale Illustrata di
Divulgazione Scientifica*

Toda a actualidade, todas as curiosidades da
sciencia, da technica,
da natureza e da cultura geral

ASSIGNATURA ANNUAL L. 60

Hoepli Editore — Milano

L'ITALIA CHE SCRIVE

Pubblicazione Mensile

Bibliografica

Assinatura annual para o

Brasil L. 25

FORMIGGINI EDITORE

R O M A

LA RIVISTA

ILLUSTRATA

DEL "POPOLO D'ITALIA"

Fondata da Arnaldo Mussolini

ABBONAMENTO ANNUO PER IL BRASILE

L. 200

M I L A N O

L' Illustrazione Italiana

Settimanale Illustrato

A mais completa documentação da
vida italiana e internacional

DIRETTORE

ENRICO CAVACCHIOLI

ASSIGNATURA ANNUAL L. 240

MILANO

LA LETTURA

Rivista Mensile Illustrata del
"Corriere della Sera"

MILANO Via Solferino

Assignatura annual para
o Brasil L. 35

INSTITUTO MEDIO ITALO-BRASILEIRO "DANTE ALIGHIERE"

FUNDADO EM 1911

O Instituto, situado num dos pontos mais saudáveis e mais bellos da cidade de S. Paulo, nos arredores da Avenida Paulista, em edificio proprio, construido de accordo com todos os requisitos da hygiene escolar, conta 22 annos de existencia e comprehende os seguintes cursos:

- 1) INSTRUÇÃO ELEMENTAR.
- 2) CURSO SECUNDARIO, segundo os programmas do Collegio Pedro II do Rio de Janeiro e fiscalizado pelo Governo Federal, valido legalmente para todos os effeitos.
- 3) INSTITUTO TECHNICO INFERIOR e LYCEU SCIENTIFICO, segundo os programmas em vigor no estrangeiro para as escolas italianas.
- 4) CURSO PROPEDEUTICO e de PERITO-CONTADOR, segundo os programmas brasileiros e fiscalizado pelo Governo Federal, como o curso secundario.
- 5) INSTITUTO TECHNICO SUPERIOR, segundo os programmas adoptados nos institutos Technicos Superiores italianos no exterior.

S. P A U L O

Alameda Jahú, 84 — (Av. Paulista)

ITALIA

REVISTA MENSAL DE CULTURA

BELLO HORIZONTE

ANNO I

Junho de 1936

N.º 1

A nossa certeza

Começamos o nosso trabalho com uma certeza que brilha luminosa na frente dos nossos olhos: a amizade italo-brasileira. É a única certeza que temos, mas é tão grande, tão limpa, que vale mais do que todas as nossas esperanças, mais do que todas as nossas boas intenções. Sómente nella nos inspiramos, della sómente tiramos conforto para a nossa pequena empresa. Nós sentimos que neste doce clima creado pelos sentimentos de amor e de fraternidade entre as duas grandes nações, irmanadas pelo nome de Roma, toda boa iniciativa, todo bom intento encontra o fértil humus para o seu desenvolvimento e para a sua florescência. Nós sentimos que também a pequena semente, que nos propomos a lançar com o nosso trabalho, não cairá em um terreno estéril e ingrato, mas encontrará os seus succos vitais na cordialidade de uma amizade que remonta longinqua no tempo e que se reconfirmou de um modo tão luminoso nos nossos dias.

A nossa revista nasce em um dos momentos mais solenes para a historia da nova Italia, em um dos momentos mais ricos de feitos que a península já conheceu durante os

seculos de sua gloria. Todas as cidades italianas tornaram a viver, nestes dias, momentos de romana grandeza. De uma extremidade á outra da peninsula resôam as vozes acciando a victoria que trouxe sobre suas azas o triumpho de Roma. A Italia, reconduzida por um dos seus genios tutelares á grandeza do passado, acclama sobre o Capitolio o retorno das aguias. O sonho dos poetas e dos artistas, que por quinze seculos encheu de fremitos e de prantos e de esperanças as suas obras immortaes, é agora um facto realizado. Roma tornou a resplandecer de luz meridiana: e os grandes espiritos annunciadores de uma renovada potencia de Roma estão finalmente tranquilllos, no abraço fraterno com a forte geração da nova Italia fascista que soube restituir á Urbe todas as grandezas espirituaes e terrenas que o destino lhe tinha confiado.

Nós, que de longe, acolhidos nesta terra hospitaleira e amiga, pudemos seguir em uma atmospheria de cordialidade e de comprehensão os formidaveis eventos destes ultimos mezes, nós de muito bôa vontade queríamos unir nossa voz áquella dos triumphadores, de muito bôa vontade queríamos nos abandonar á alegria de cantar em voz clara a nossa victoria perante o mundo. E com sinceras effusões queríamos expressar quanta dôce commoção, quanta devota cordialidade despertou no coração de todo italiano a firme e clarividente attitudo assumida por este nobre paiz para com a Italia: queríamos dizer quanta parte da nossa victoria é victoria commun do povo brasileiro: queríamos recordar quanto conforto trouxe a todos os italianos e aos seus exercitos valorosos a certeza de existir, em plagas distantes, separadas pelo oceano, um grande povo e um grande paiz que seguia com amor e intelligencia o desenvolvimento da grande empresa. Mas comprehendemos que, assim fazendo, sahiríamos fóra dos limites que nos determinámos, fóra dos deveres que são verdadeiramente nossos, fóra dos modestos intentos que devem guiar a acção desta nossa publicação.

Porque ITALIA vem á luz com um programma puramente, estrictamente, simplesmente cultural. Não orgão de

batalha, não órgão de exaltação dos valores nacionaes, mas órgão simplesmente de divulgação, de informação, de esclarecimento de tudo o que a nova Italia produz, pensa, agita e projecta no campo das artes, das letras e da cultura. E' a isso que nos propomos, isso é o que queremos alcançar. Quando chegarmos a tornar mais vasto e mais profundo no povo brasileiro o conhecimento do mundo intellectual e artistico da nova Italia, teremos conseguido tudo o que estava nas nossas esperanças e talvez realizado obra não inutil para a Italia e para o Brasil. Emquanto nas espheras supremas que regulam as relações entre os dois grandes povos se reforçam e se estreitam vinculos sempre mais tenazes de uma amizade que os homens e as circumstancias parece destinaram á eternidade, emquanto se resolda uma união vivificada pelo sangue e confirmada pelas origens e pela commum civilização, nós sentimos que o reciproco conhecimento, a aproximação das correntes e das tendencias artisticas e intellectuacs servem para sellar o pacto da amizade e da fraternidade.

Temos a clara noção da exiguidade das nossas forças perante escopo tão vasto e tão elevado. Mas sabemos tambem que não estamos sós. Multiplices iniciativas, e bem mais fortes do que a nossa, surgiram espontaneas nestes ultimos mezes e lançaram as bases do grande edificio de entendimento intellectual que surgirá duravelmente entre esta dôce terra do Brasil e a bella terra da Italia distante.

A's grandes ligas brasileiras, creadas em nome da civilização de Roma e guiadas pelas mais claras intelligencias com que conta o Brasil, do Rio de Janeiro a S. Paulo, de Porto Alegre a Bello Horizonte, respondeu com equal amor e com equal solicitude a constituição da sociedade italiana dos AMIGOS DO BRASIL, sob a presidencia de Guglielmo Marconi e sob os auspicios do Duce. A esses testemunhos de amizade e fervida cordialidade responde o écho modesto da nossa publicação.

Nesta vasta visão das relações entre os dois povos, perante este vasto panorama illuminado de amor, sentimos que

encontraremos facilmente o nosso caminho. As enormes distancias que separam Guanabara e Ypiranga do Vaticano e do Capitoliô parecem um breve valle para todos aquelles que vivem na fé commum, no affecto reciproco e constante. Hoje a Italia, com seus trinta seculos de historia, pôde olhar fraternalmente o Brasil, como a jovem nação irmã que iniciou a phase mais rapida e conclusiva da sua marcha de civilização, ao mesmo tempo em que a península, resurgindo pela terceira vez á sua grandeza, se aprestava a percorrer o caminho aspero e difficil do seu novo destino. Meio seculo de vida, superados em abraço fraterno, que trouxe o Brasil ao primeiro lugar entre as nações da America latina e que reconduziu triumphalmente a Italia ao dominio do Mediterraneo. E enquanto a Italia torna a plantar vigorosamente as suas insignias nas plagas mais distantes e redime para a civilização terras infecundas e povoações atrasadas, o Brasil, na immensidade de suas terras, na prodigiosa fertilidade dos seus campos, na quasi ilimitada molle das suas riquezas, continúa inflexivelmente a sua marcha, seguindo a estrada rectilinea de uma civilização assignalada por Roma.

Conhecermo-nos mais ainda para amarmo-nos ainda mais: essa é a nossa divisa. Entre o Brasil e a Italia tudo parece feito para unir, nada para separar. E a intensificação das nossas relações culturaes apparece como o meio mais seguro e mais efficaz para fazer desses vinculos de reciproca comprehensão liames perennes e indestructiveis de fraternidade. Hoje, que os braços italianos affluem a outros continentes para fecundar outras terras, a Italia tem outros thesouros para dar ao Brasil: e espera do povo brasileiro, em troca, a dadiva de suas grandes energias espirituaes e intellectuaes. Troca fraterna sem calculos de dar e de haver, sem preocupações de paridade ou de deficit. A Italia tem necessidade de conhecer melhor o Brasil, expoente do engenho e da cultura sul-americana: o Brasil tem necessidade de conhecer melhor a Italia, flôr suprema e perpetua da civilização occidental. Nos campos luminosos da arte e da intelli-

gencia os entendimentos são faceis e o amor fecundo e duradouro. Quando a lingua, a literatura, e a arte italianas tiverem no Brasil aquelle logar que lhes compete, e quando na Italia estiver mais profundo e diffundido o conhecimento de todas as bellezas naturaes e de todas as glorias espirituaes com que conta o Brasil, e que tanta parte do mundo ainda ignora, a comprehensão entre os dois povos será tão completa e sentida que nem o tempo nem as contingencias poderão jamais extingui-la ou attenual-a.

Por isso, queremos concluir estas nossas palavras fazendo a nós mesmos o augurio de que iniciativas mais fortes e mais elevadas sigam os modestos incios, as pequenas centelhas que, como esta, se vão accendendo aqui e alli pelas terras desmesuradas deste paiz. A satisfação de termos sido os primeiros a lançar a semente nesta terra mineira, não nos impedirá de alegrarmo-nos do fundo de nossos corações vendo-nos sobreexcedidos e submersos no grande rio de cordialidade e de comprehensão intellectual que um dia fará dos nomes de Italia e de Brasil o symbolo de uma perfeita e imperecivel unidade espiritual.

MARIO ALESSANDRINI.

●

Historia social da Igreja

Poucos assumptos haverá mais dignos do interesse de todos do que uma Historia da Igreja.

Essa instituição, que no dizer de Macaulay, "viu o nascimento de todos os imperios e verá o fim de todos" é inegavelmente a maior, a mais veneravel, a mais importante de quantas têm surgido e hão de surgir no mundo.

Tarefa ardua, porém, a de descrever e criticar os acontecimentos, que se filiam directamente á Igreja Catholica: são dois mil annos de Historia Occidental.

Nenhuma outra instituição estendeu sua influencia a tão largos sectores da actividade humana. Na esphera religiosa e moral essa influencia é preponderante e quasi unica para nós christãos. Mas não se cifra nisso a influencia da Igreja sobre o mundo civilizado. Toda a organização politica das nações christãs está, directa ou indirectamente, baseada na doutrina christã.

A estrutura social dos povos occidentaes deriva dos ensinamentos millenares dos apóstolos e dos primeiros padres. A arte christã é inegavelmente o maior cume a que já attingiu o homem nesse terreno elevadissimo. A poesia catholica não tem igual. A philosophia christã enche seculos de pensamento. Todas as reformas surgidas em dois millenios, desde o inicio da nossa éra até os presentes dias, visam a Igreja, quer para ir em seu prol, a bem dos povos, quer para contrapôr-se a ella, em detrimento delles.

A hierarchia catholica, porém, pelo seu mais alto re-

presentante, o Papa, vae guiando a humanidade através dos escolhos da Historia, e sempre indicando a salvação e as soluções de todas as questões moraes e sociaes, sem as quaes seria impossivel a vida do homem sobre a terra.

Nenhum assumpto mais digno de attenção, pois, do que uma historia da Egreja.

Muitos são, porém, os pontos de vista, sob os quaes pôde ella ser tratada. Na nossa época, preocupada sobretudo com as questões sociaes, interessa particularmente estuda-la sob o ponto de vista social. Para o crente, o conhecimento do modo como têm sido solucionadas pelo catholicismo os grandes problemas da sociedade durante vinte seculos é um pharol seguro, por onde orientar-se no labyrintho intrincado, que é o mundo moderno. Para os outros, o contacto com a experiencia bimillenaria da mais augusta e a mais solida de todas as instituições sociaes só pôde ser util e proveitosa.

Já passou a época em que se aggredia a Egreja, desconhecendo-lhe a organização, a doutrina e a historia. Hoje ninguem dá mais attenção a esses gratuitos inimigos do catholicismo, que o atacam por paixão e ignorancia. Os que estudam sabem fazer-lhe a justiça que ella sempre mereceu. Numerosas são as obras, em que se trata especialmente a historia da Egreja. Poucas, porém, escassas mesmo, são aquellas, onde se encaram os factos sob o ponto de vista social.

Entre essas, é insubstituivel a monumental obra de Monsignore Ugo Benigni, intitulada "Storia Sociale della Chiesa". É o que se pôde chamar uma obra de folego, cuja publicação já se iniciou ha trinta annos. O autor, desses especialistas que dedicam uma vida a um assumpto, dá-nos uma visão de conjuncto da materia versada com uma segurança raras vezes attingida. Conhecedor de todas as obras que o precederam e dos archivos que mais fontes contêm do assumpto, traça com mão de mestre uma synthese grandiosa da influencia da doutrina catholica sobre a evolução das sociedades humanas desde o tempo dos Apostolos.

Estylista eminente, a leitura da obra é agradável e amena. Nos seus varios volumes ha uma condensação quasi sobrehumana de materia. E' uma dessas syntheses que, antes de realizadas, parecem impossiveis de levar a cabo.

E' bem certo que os cinco volumes já publicados, dos quaes o II e o IV em duas partes, se destinam a pessoas de cultura elevada. Não, porém, a especialistas. Para estes, a copiosa e pôde dizer-se completa bibliographia que vem no fim de cada parte, constante de alguns milhares de obras, indica qual a fonte melhor e mais acabada para o estudo do respectivo capitulo.

Pela propria introduccão, que precede a obra, vê-se quão bem orientado é o seu plano. O estudo se subordina a tres pontos de vista, que abrangem toda a ordem social: a vida politica, a vida etico-juridica e a vida economica. Na primeira se estudam os principios e factos relativos ao Estado, ao governo propriamente dito. Na segunda se englobam todas as manifestações sociaes relativas aos usos, costumes, leis que regulam a vida publica e particular dos povos. Ali se estuda a participação dos cidadãos na vida publica, o matrimonio, a propriedade, a vida profissional, a vida intellectual e artistica, o culto dos mortos, isto é, as relações do individuo com o Estado e a sociedade e dos individuos entre si.

Na vida economica se estudam os principios e factos directamente relacionados com a existencia material do homem. Já friza bem o autor que a vida economica procede não apenas dos factos economicos, mas tambem de principios etico-juridicos e que uma entidade como a Igreja — não pôde deixar de orientar os principios economicos quando principios moraes — isto é — não pôde deixar de dar criterios a respeito da propriedade, do capital da assistencia social, do trabalho, da actividade e passividade economico-social emfim.

Para bem comprehender a largueza de vista do autor basta citar estes trechos da obra: "A Igreja e a civilização

têm, sem dúvida, um elemento próprio a cada uma, indifferente á outra: a questão dogmatica do se o Espirito Santo procede do Filho ou por Elle é extranha á civilização: o estabelecimento do telephone internacional é extranho á Egreja. Isto se dá porque nesta ha um elemento dogmatico, absoluto e transcendente; e na civilização entre um elemento simplesmente technico" (Inst. pag. XIII). "Tudo isso, porém, continua, não exclue de facto nem diminuc o grande principio: a verdadeira religião é a base e o presidio da verdadeira civilização, porque a verdadeira religião é a verdadeira moralidade sem a qual a civilização não póde ser senão parcial e material, portanto falha na maior e melhor parte da vida social".

A divisão da historia social da Egreja é feita pelo autor seguindo o criterio dos grandes factos historicos, das grandes commoções sociaes. E' assim que elle trata successivamente: 1.º época antiga, periodo romano-pagão: desde o inicio até Constantino o Grande (312). E' o periodo de preparação.

2.º época antiga, periodo romano-christão: desde Constantino até á queda do Imperio do occidente (476). E' o periodo de ascenção social da Egreja.

3.º periodo barbarico — bysantino, até a restauração do Imperio (800). E' periodo de crise da sociedade antiga. A Egreja salva a civilização antiga e prepara a nova.

4.º Epoca media, ou da alta idade media, até a decadência do novo Imperio.

Toda a sociedade vive da vida da Egreja: é o apogeo.

5.º Epoca média, da baixa idade média até o Renascimento. E' a crise medieval, que prepara a época moderna.

6.º Epoca moderna, periodo do antigo regimen: da Reforma (1517) á Revolução Franceza (1789). E' época da reforma e de crise.

7.º Epoca moderna, da revolução francesa até hoje.

E' o periodo de crise da sociedade moderna, que vae da revolução francesa á revolução proletaria. Quanto mais se quer reduzir o influxo social da Igreja é que ha, por uma influencia providencial, um preparo ao renascimento de sua influencia social.

Até o quinto periodo a obra já se acha publicada, mostrando o autor nessas partes a sua erudição e capacidade de synthese sem limites.

Essa historia se desenvolve sempre no mesmo criterio, sendo as suas differentes partes perfeitamente homogeneas. Della resulta como todas as crises que têm ameaçado a Igreja, se resolverem sempre em seu prol e como nella se cumprem as promessas de seu Fundador Divino. "Se ao invés da Igreja, diz o autor, se tratasse de uma instituição humana, a historia dessa jornada seria a historia de uma vida do berço ao tumulo, e poderíamos descrever, nós também, os factos da "grandeza e decadencia da Roma" papal. Mas para a instituição de Christo a um dia segue outro; e por isso a nossa é uma historia que vae do primeiro á aurora do vigesimo seculo christão".

A obra de Ugo Benigni, conscia da responsabilidade do assumpto tratado, é uma das mais bellas flôres da cultura italiana.

Lel-a e medital-a é passar o tempo junto a um dos mais bellos espiritos historicos do presente seculo estudando a mais santa das instituições de todos os tempos. A Igreja é cada dia mais nova, posto que seja cada dia mais longa a sua historia. Tal é o condão que só possuem as fundações que levam consigo o cunho da immortalidade.

Junte-se a isso a absoluta imparcialidade do autor que, catholico, sabe fazer a critica serena e imparcial dos acontecimentos e mostrar como os erros humanos podem enquadra-se numa obra divina e teremos um dos grandes monumentos ao espirito historico do seculo XX.

FRANCISCO A. MAGALHÃES GOMES

Sobre a reforma da escola media

Enquanto prosegue tão brilhantemente o "inquerito" sobre a reforma da educação no Brasil, proposta pelo Ministro Capuena, julgamos não fazer cousa inoportuna transcrevendo a parte essencial de um artigo devido ao illustre professor Nicola Pende, da universidade de Genova, publicado na "Gazzetta del Popolo", e no "Fanfulla", com o titulo "Cultura dello Spirito e cultura della mano".

* * *

Desejamos tocar em um ponto que nos parece não deva ser descuidado na reforma da escola média e que a Italia poderá certamente resolver com um mais sã equilibrio e com meios praticos mais adaptados á indole da nossa estirpe.

Trata-se da harmonização da "tendencia humanistica", no qual já deve tornar a inspirar-se a cultura na escola média, com a "tendencia realistica e viva", como é exigido pelas actuaes necessidades historicas do mundo. Ninguém hoje póde negar que o jovem sã da escola média oppresso, cansado, offuscado por noções que nada têm que ver com a sua preparação cultural para a vida pratica individual e nacional.

Tirar da escola secundaria o verniz de eruditismo analytic e pedante e imitativo e academico e logorroico, afim de educar o espirito do jovem para comprehender o pensamento e a forma da expressão dos nossos classicos, em que está toda a historia da humanidade, a historia dos valo-

res ethicos e estheticos que circulam no nosso sangue, e desenvolvê-los e utilizá-los ainda mais na conquista de um mundo de verdade, sempre mais amplo; incitar o jovem com o estudo substancial e activo (e não passivo e formalistico) dos textos classicos, a reviver com a grande personalidade ethica e esthetica dos classicos, para tirar delles exemplos e motivos de introspecção e criação, para uma activa participação no progresso do espirito humano, — eis a tendência humanistica, que deve rasgar as nuvens do criticismo e esthetismo e mysticismo intellectualistico de nordica origem.

Mas reconhecemos francamente que o humanismo não deve “aristocratizar excessivamente” o cerebro dos futuros italianos, e que a escola média não deve fórmar sómente o homem culto e embebido de espirito classico, mas o “homem inteiro e concreto” com os pés na realidade viva, além de naquella do passado, com os pés sobre o terreno das necessidades praticas da vida individual e nacional.

Escreve Calò: “E’ para mim innegavel que não ha educação plena do homem emquanto não se eduque nelle a verdadeira e propria attitudo de trabalhar a materia prima e tirar effeitos uteis das forças vivas da natureza que o circumda. Não só essa é fonte insubstituivel de conhecimentos e de idéas verdadeiramente claras e distinctas sobre propriedades e leis do mundo physico, mas é tambem fonte de rara e profunda humanidade. Si humanidade significa triumpho do espirito, ella não póde implicar tambem dominio da intelligencia e da vontade sobre o proprio corpo senão quando seja tambem dominio sobre os “outros” corpos, sobre o mundo physico, directamente obtido pela “disciplina de trabalho”, que é tambem disciplina do espirito. Só no exercicio do trabalho nós conquistamos o senso profundo da dignidade de todos aquelles que o exercitam e que delle vivem: só com elle vencemos aquella incompreensão orgulhosa que nos torna, embóra não pareça, substancialmente indifferentes ou desvalorizadores, injustos sempre, em rela-

ção ás classes que consideramos inferiores; só assim conquistamos aquella completa humanidade que nos faz sentir irmãos todos os homens e sagrada toda obra verdadeiramente humana”.

E eis como o “trabalho das mãos” deve integrar o “humanismo literario” como seu correctivo, como meio essencial tambem elle de elevação moral e de educação totalitaria da personalidade do homem moderno, do homem “*faber et artifex*” com o pensamento e com a acção, com o cerebro e com a mão, que da intelligencia é o instrumento mais physiologicamente e mais espiritualmente humano.

Trabalho das mãos, ensinado com a devida medida, na escola média italiana: levar alguma hora o jovem ás officinas, aos laboratorios do artesanato, aos campos, em contacto com os simples, ordeiros, pacientes, intelligentes creadores do trabalho das mãos: fazer com que os jovens participem nos primeiros e mais simples trabalhos manuaes, os mais necessarios ás necessidades da vida pratica: fazer com que elles comprehendam a alegria da criação do homem que plasma a materia; approximar, assim, em *sympathia* e religiosa communhão, os trabalhadores do pensamento daquelles do braço, acabar de uma vez com o divorcio, fructo de prejuizo, entre pensamento e mão, entre espirito e materia.

Se se tirar ao menos um pouco da escola média o gravame das forçadas e muitas vezes illusorias syntheses criticas philosophicas, e si um pouco de tempo fôr concedido, como já aconteceu no ensino médio de todas as outras nações, anglo-saxões e latinas, ao trabalho manual, naturalmente dentro dos limites necessarios (não queremos invadir o dominio da technica, nem sustentar a superioridade da “escola nova”), será então alcançada a “unidade de cultura”, que todos desejamos. E o modelo do Duce, que, conhecedor profundo dos classicos, não despreza a foice, o martello, e a colher de pedreiro, será o modelo perfeito, sobre o qual o ensino secundario deve plasmar o italiano novo — homem completo — no espirito e no corpo.

NICOLA PENDE

O radio rural

No imperativo ditado pelo Duce nos primeiros mezes de 1933: "A aldeia deve ter o radio", estão claramente subentendidas as vantagens que podem derivar para a agricultura e os agricultores de uma diffusão do radio no campo. Vantagens essas antes de tudo espirituaes, e secundariamente vantagens materiaes, como consequencia da melhor cultura technica, diffundida pelo radio, e ainda dos beneficios que póde trazer, de modo especial no periodo da sementeira, da colheita, da venda dos productos, um contacto immediato, entre os órgãos centraes e todo agricultor.

Com rapidez fascista, á declaração do Chefe do governo italiano se seguiram os factos. Uma nova Sociedade foi creada e conta hoje já quasi tres annos de util actividade. Esse organismo é a Sociedade Radio Rural, que, junto á diffusão do radio no campo, se propõe a desenvolver e desenvolve, através todas as estações radio-transmissoras italianas, programmas especiaes dedicados ás populações ruraes.

O primeiro problema, para um apparelho particularmente potente e selectivo e ao mesmo tempo economico ao maximo grau, foi resolvido por um typo de cinco valvulas, mediante um concurso promovido pelo Ministerio das Comunicações entre todas as casas constructoras italianas.

Deve-se salientar o facto de que o apparelho "Radio-rural" é cedido ás Sociedades e não ás pessoas. A vida italiana imprimida pelo Fascismo segundo uma visão collectiva que exalta e resume o interesse dos particulares no inte-

resse superior do Estado, tambem nesse campo vital se manifesta, e assim a radiophonia é um phenomeno colectivo ou de massa. Por outro lado, seria extremamente arduo querer impôr no campo, de um momento ao outro, uma radiophonia individualista, baseada sobre a distribuição de aparelhos nas casas particulares dos colonos. Obstaculos de natureza psychologica e economica se opporiam a uma rapida realização do projecto, o qual, em todo caso, está para ter um princípio de effectivação no imminente lançamento de um aparelho "popular", destinado e adaptado, sob todos os pontos de vista, ao uso domestico. Os centros de audição estão, pois, nas sédes do Partido, dos Syndicatos, nas escolas, em todas as Sociedades acima nomeadas, os quaes se tornarão, assim, logares de reunião dos agricultores e dos colonos para ouvirem as transmissões a elles dedicadas.

A primeira função desses aparelhos é a de informação politica e cultural. Nos logares onde os jornaes chegam com atrazo ou mesmo não chegam, o radio leva rapidissimamente as noticias de ultima hora, que de modo especial são esperadas, neste momento, com grande fervor por todo o povo italiano. Os discursos das personalidades do Regimen e as mais significativas cerimonias publicas encontram ouvintes attentos até nos mais distantes logares, ainda hontem quasi fóra do rythmo civil e politico da vida da Nação. Mas, para aquillo que diz respeito mais de perto com a cultura technica e espiritual dos colonos, saliente-se como a Sociedade Radio Rural inicia o seu projecto com as gerações mais novas.

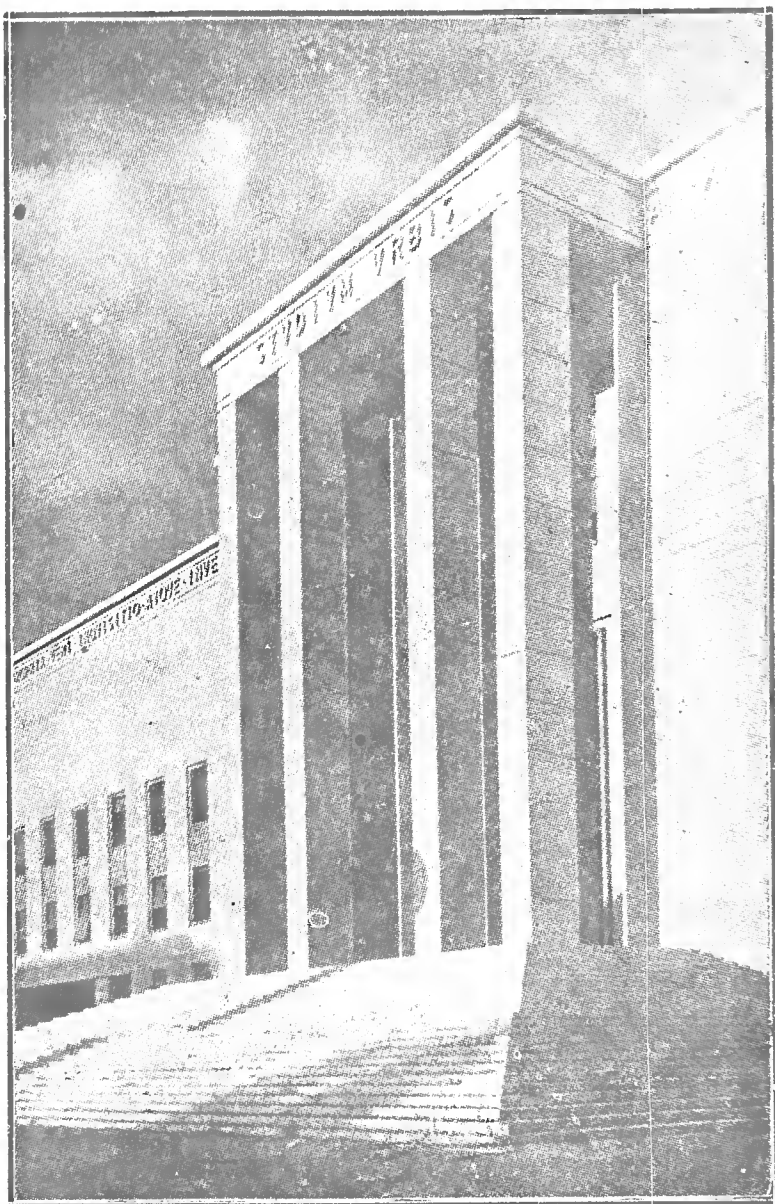
Foi assim que se desenvolveu a radiophonia escolar. Já agora, cerca de 8.000 escolas ruraes italianas estão dotadas de aparelho receptor com 1.707.516 creanças regularmente ouvindo as transmissões educativas da Sociedade: mais de um terço da população escolar. Essas transmissões se realizam tres vezes por semana, e são da mais variada natureza. Acompanham intimamente os programmas ordinarios de estudo e servem para tornar mais assimilaveis e agradaveis as partes do programma, mais asperas ou menos

interessantes para as creanças. Nunca parando sobre as posições alcançadas, mas procurando sempre os aperfeiçoamentos suggeridos pela experiencia, a Sociedade Radio Rural completou recentemente a sua obra radio-didactica, enviando gratuitamente a todas as escolas dotadas de radio grandes cartazes ruraes a côres, edilados ás expensas da Confederação Nacional dos Agricultores, que representam os factos e os ambientes, objecto das transmissões. Essa necessidade quanto original collaboração entre radio e visão dá resultados surprehendentes. Apresentando scenicamente os mais notaveis episodios da historia, transmittindo documentos de campos de manobra, de aerodromos, de estaleiros, de couraçados em exercicio, de submarinos em emmersão, etc., auxiliando os professores na educação musical dos meninos e no objectivo importantissimo de despertar-lhes o amor pela terra, frustrando o instincto urbanista, o radio realiza nas escolas italianas uma função de primeira importancia e já é considerado como um instrumento vivo e vital da escola fascista.

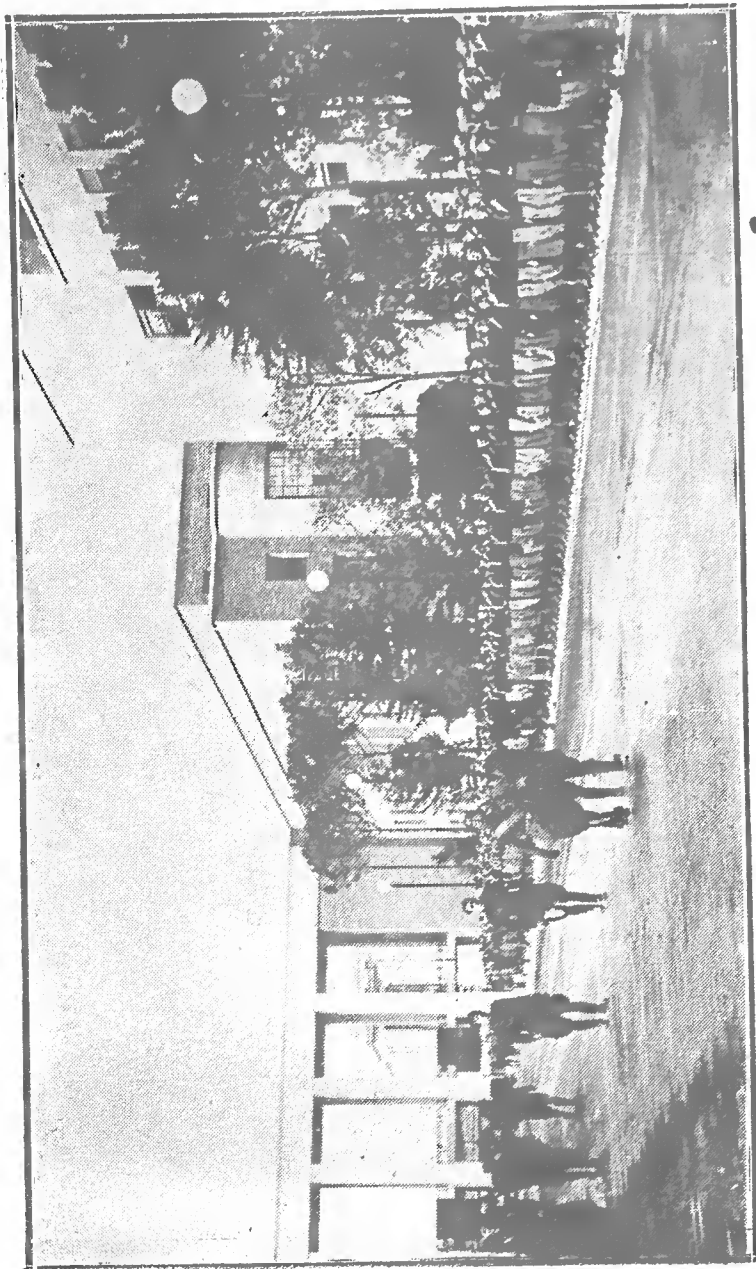
Para a diffusão do radio concorre, além do trabalho intelligente e entusiasta das autoridades politicas, syndicaes e escolares, um periodico de propaganda que a Sociedade Radio Rural distribue gratuitamente na média de 150 mil exemplares mensaes. O periodico diffunde por sua vez na opinião publica a convicção da utilidade economica, politica, commercial e industrial de cooperar na radio-diffusão do campo.

Mas, além da educação dos pequenos nas escolas, os mesmos aparelhos servem tambem para a recepção das transmissões de propaagnda agricola dedicada aos adultos. Durante a transmissão da "Hora do Agricultor", tambem essa organizada pela Sociedade Radio Rural, nas escolas, nas sedes do Partido, nos Syndicatos, nos Dopolavoro e em todas as outras Sociedades e logares de encontro espalhados pelos campos italianos, affluem agricultores e colonos, enquanto, por outra parte, são innumeros os aparelhos de proprieda-

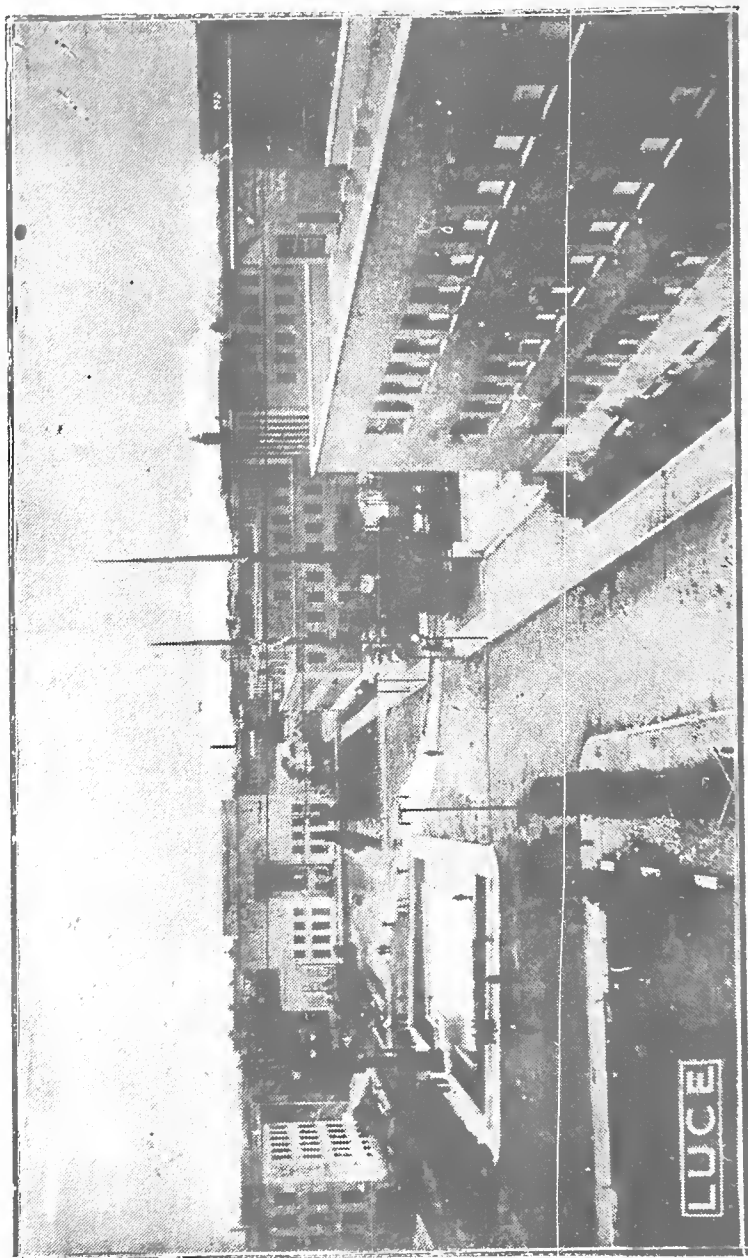
STUDIUM URBIS



LA NUOVA UNIVERSITA' DI ROMA — IL RETTORATO
(Architetto Piacentini)

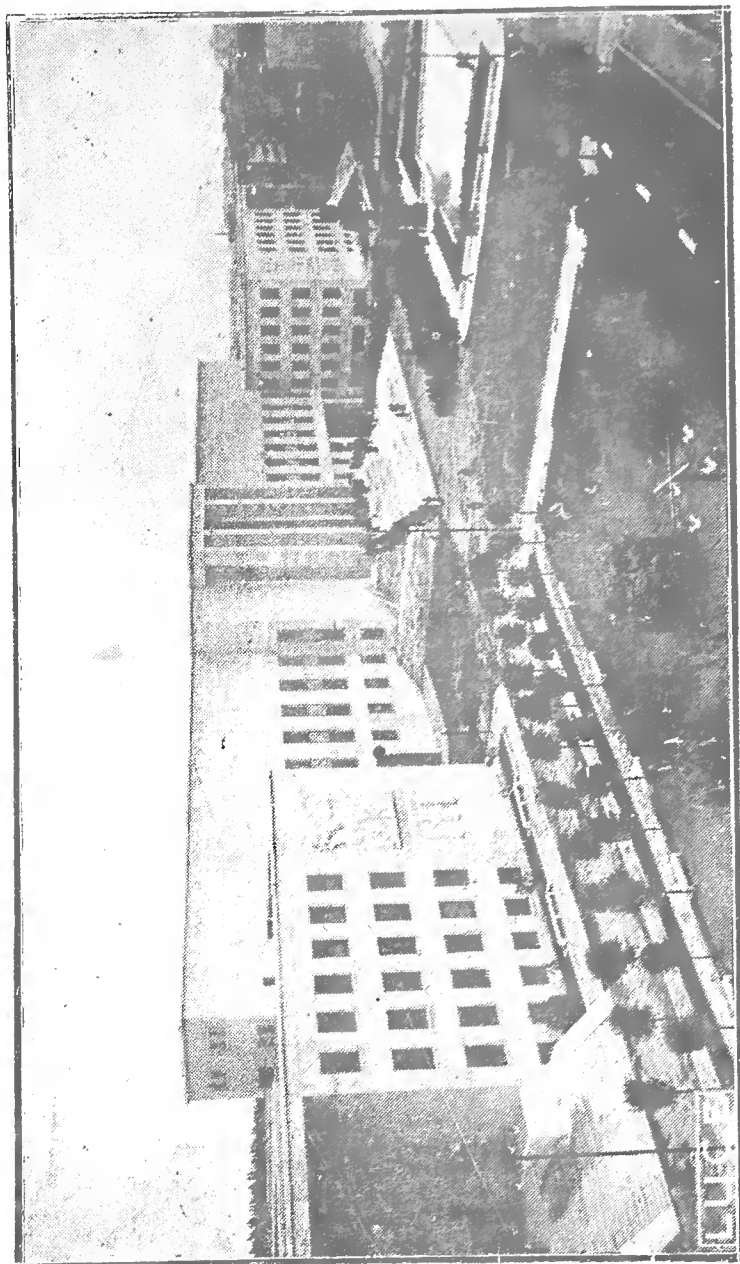


IL DUCE INAUGURA LA CITTA' UNIVERSITARIA



LA NUOVA UNIVERSITA' DI ROMA - FACOLTA' DI MEDICINA

LUCE



LA NUOVA UNIVERSITA' DI ROMA = FACOLTA' DI DIRITTO E DI LETTERE

de dos particulares, que são igualmente postos á disposição do publico rural para essas importantes transmissões.

A "Hora do Agricultor" é diffundida por todas as estações radiophonicas italianas aos domingos pela manhã. Essa transmissão se compõe de tres partes. Uma primeira parte comprehende os commentarios aos factos politicos e economicos, commentarios redigidos pelos órgãos centraes responsáveis e vulgarizados por redactores especializados: uma segunda é dedicada ao canto e á musica, e, enquanto essas duas primeiras partes da "Hora do Agricultor" são transmittidas por todas as outras estações italianas, a ultima parte, que dura 20 minutos, é, ao contrario, transmittida isoladamente por cada uma estação, porque diz respeito ás praticas agricolas e aos conselhos technicos, os quaes variam, de accordo com as culturas, de região a região.

Toda a "Hora do Agricultor" se faz com a maior simplicidade de exposição, e não raro em uma entonação agradável, utilissima para fazer com que a escutem também os mais refractarios, explicações technicas em si pouco attractivas.

A experiencia suggeriu o abandono da linguagem academica e scientifica, a supressão das formulas e da nomenclatura especializada. O radio, em agricultura, mais do que aos technicos e aos competentes, os quaes têm á sua disposição as revistas e os tratados, deve ordinariamente dirigir-se aos elementos menos cultos, pouco favorecidos de meios para estar sempre de outra forma em dia com o assumpto. Dahi, a necessidade da maior divulgação possivel que sirva a um fim immediato consistente em tornar claras e promptamente assimilaveis as noções expostas, e a um fim distante que consiste em supprir nos ouvintes a necessidade de aperfeiçoarem seus conhecimentos mediante a consulta á imprensa especializada.

Esse caracter elementar das transmissões agricolas se poudo obter em medida satisfatoria depois de experiencias não breves. A um primeiro modo demasiado scientifico de

tratar os argumentos por parte dos technicos, o que tornava a audição impossivel ou escassamente proficua para os agricultores de cultura média, sobretudo para pequenos proprietarios cultivadores directos e meeiros, succedeu a experiencia de confiar eschematico esboço technico a um brilhante escriptor para que o desenvolvesse em forma fácil e colorida. Isso trouxe como consequencia uma entonação excessivamente literaria e não raro inexactidões technicas, não graves mas todavia perigosas. Agora se tenta uma collaboração mais intima e concomitante entre technicos e revisores literarios, a qual torna sempre mais superflua a intervenção do revisor auxiliando gradualmente os technicos especializados a empregarem a linguagem colorida, precisa e simples que convém, quer ao publico particular que ouve, como ao meio particular de diffusão. Póde-se pois affirmar que a "Hora do Agricultor" satisfaz as exigencias mais geraes, como attesta, de um lado, o enorme numero de ouvintes que se reúne todo domingo nos logares de audição, e, de outro, a quantidade elevada de correspondencias que os agricultores dirigem á Sociedade, o mais das vezes para propôr quesitos e pedir conselhos. A essa correspondencia se responde frequentemente por radio, o que augmenta a popularidade da radiophonia rural, apreciada por massa sempre mais numerosa de publico. ●

L. F.

SCRITTORI D'ITALIA

MASSIMO BONTEMPELLI

ACCADEMICO D'ITALIA

Massimo Bontempelli, romancista genial, comediographo da vanguarda, forte polemista, fundador de revistas e jornaes, membro da Real Academia da Italia, musicista de notavel valor, está entre as figuras mais conhecidas do mundo artistico italiano.

Nascido em Como, no anno de 1878, e laureado em letras pela Universidade de Torino, entrou, depois de ter sido professor de escolas medias em varias cidades da Italia, para o jornalismo, collaborando activamente em quasi todos os maiores jornaes e revistas da Italia, mas especialmente no *Corriere della Sera* e na *Gazzeta del Popolo*.

Ha uma dezena de annos, fundou e dirigiu a revista "900", que fez falarem largamente de si: mas que não teve vida longa. Fundou de-

pois a revista *Quadrante*, que dirige presentemente com P. M. Bardi. Faz poucos mezes, e sempre junto com P. M. Bardi, assumiu a direcção do conhecido semanal *L'Italia Letteraria*.



A actividade literaria de Massimo Bontempelli teve inicio ha uns trinta annos, com o volume: *Primi racconti*. E daquelle distante 1904 até hoje, superado o periodo da guerra mundial, em que elle valorosamente participou, quasi todo anno tem sido publicado um volume, de arte narrativa,

ou dramatica, ou poetica. Os seus livros mais afortunados foram traduzidos em diversas linguas. *O Figglio di due madri* em francez, alemão, polaco, tchecoslovado e servio: a *Vita e morte di Adria*, além de em portuguez, foi traduzido em

trancez, bulgaro e húngaro; *Eva ultima* em polaco, húngaro e tchecoslovaco; e em hespanhol *La famiglia del fabbro*, *Nostra Dea* e "522".

Como musicista, Bontempelli iniciou a série dos sucessos em Roma no anno de 1929, com musica de camara executada na Quirinetta, e continuou em Paris (Sorbona), em Napoles, na Academia dos Illudidos, em Milão, em S. Remo e em Buenos Aires, no Colon, em 1934.

Massimo Bontempelli é academico da Italia desde 1930. Conhece e ama o Brasil e é membro do conselho directivo da Associação "Amigos do Brasil".

BIBLIOGRAPHIA

Literatura

A maior parte das obras de Massimo Bontempelli são publicadas pelo editor Mondadori. Tres dos seus volumes apparecem na conhecida "Biblioteca azzurra", a 5 liras o volume. Estes são: *Sette Savi*, *La vita intensa*, *La vita operosa*.

Entre as outras obras mais notáveis assinalamos: *Viaggi e Scoperte*; *Eva Ultima*; *La donna del miei*

sogni; *Mia vita, morte e miracoli*. *Il figlio di due madre*; *Vita e morte di Adria*; *La famiglia del fabbro*; *La donna del Nadir*; *Noi, gli Aria*.

Produziu varios trabalhos para o theatro, como *La Guardia alla luna*; *Nostra Dea*, *Ninnie la candida*; *Bassano, padre geloso*; *Fame*.

Musica

Foram publicadas pelo editor Ricordi as seguintes composições: *Tre racconti*, *Tre notturni infantili*, *Aria per violino e pianoforte*, *Tre preludi in re minore*, *Danza in cinque tempi*, *Danza per il terzo atto di "Nostra Dea"*.

**

O trecho, que publicamos abaixo com o titulo "Il dominatore", é extrahido do volume *Viaggi e scoperte*, escripto e publicado em 1921, isto é, no tempo em que a Italia estava presa de desordens, provocadas pelos demagogos do extremismo vermelho. Todo o livro, e particularmente esse trecho, é inspirado naquella senso de fina ironia que caracteriza a arte de Bontempelli.

No volume o titulo original do trecho é "Nuove Scoperte".

Il dominatore

Nei primo pomeriggio d'un giovedì, ch'era piovuto tutta la mattinata, mi venne un improvviso, impreparato e spasmodico desiderio di dominio.

— Non basta — dichiarai a me stesso — non essere dominati: bisogna dominare.

Con questo preciso proposito mi recai in un piccolo caffè suburbano, e sedetti in un angolo appartato per pensare al da farsi.

— Dominare — mi dissi — significa avere in possesso una o più vite altrui, come si possiedono le cose materiali. L'uomo può avere in possesso, cioè dominare, un cane, una donna, una folla. Tutte le altre forme di dominio — dominare sè, le proprie passioni, l'avvenire eccetera — sono allegorie, e come tali equivoche e mendaci.

Il garzone mi versò dall'alto il caffè e s'allontanò come un dardo. La superficie del nero liquido misterioso spumeggiava ancora irosamente la sua schiuma giallastra, che il mio pensiero già aveva progredito:

— Il cane è fido, la donna è devota, la folla è appassionata. Fedeltà, devozione, passione sono la materia della volontà di dominare, e per esse il dominio è superiore al possesso.

In quel punto mi si avvicinò un uomo piccolo e storto, che conduceva un cagnolino al guinzaglio. Mi rivolse la parola, offrendomi:

— Vuol comperare questo cane, signore? È di razza.

- Quanto costa ?
- Cento lire.
- Posso darvene quattro.
- Facciamo cinque col guinzaglio

Prese le cinque lire, mi posò in grembo il cane, e se n'andò. Sentii un tepore molcermi improvvisamente una coscia e subito dilagare scendendomi giù per la corrispondente gamba. Battei il cane, e tentai di asciugarmi la gamba: con i quali due atti cominciai la mia vita di dominatore. Poi detti lo zucchero al cane, bevvi il caffè, e uscii all'aperto.

Nella piazza incontrai una donna, la quale non era nè bella nè brutta, come dovrebbero essere tutte le donne. Mi dichiarò:

- Vi amo, signore, e se volete sono vostra.
- Per quanto tempo ? — le domandai.
- Per tutta la vita.
- Sta bene.

Ci avviammo tutti e tre per una strada ampia e solitaria che conduceva verso le parti centrali della città. Camminavamo, tutti e tre, in silenzio. Poi la città d'una in altra strada cominciava ad apparire a mano a mano più abitata e rumorosa. Incontrai alcuni conoscenti.

Il primo mi salutò togliendosi e rimettendosi in fretta il cappello con aria stranita, e accelerò il passo.

Il secondo appena m'ebbe riconosciuto voltò la faccia dall'altra parte.

Il terzo invece si fermò, mi fissò, girò lo sguardo sui miei due compagni, poi scoppiò a ridere.

Stavo per domandargliene la ragione, ma il cane, che tenevo per il guinzaglio con la sinistra, cominciò a tirare disperatamente da quella parte e mi strascinò fino al muro. Così tirando lui me, io tiravo la donna che teneva il braccio infilato nel mio, alla mia destra. Quando il cane si fermò, per meccanica conseguenza mi fermai io, e si fermò la donna. Allora alcuni passanti, che stavano venendo per quel marciapiede alla nostra volta, quasi inciamparono contro noi

e uno d'essi villanamente mi urlò:

— Ma cosa diavolo fa ?

Io gli risposi:

— Faccio quello che mi pare.

Non era vero, perchè facevo quello che pareva al cane. Ma egli non fu abbastanza sottile da cogliermi in così flagrante errore. Kipetè stupidamente:

— Anch'io faccio quello che mi pare !

E mi si lanciò contro come un montone dandomi una testata nel ventre. Caddi a terra, e la donna in patetica solidarietà cadde con me; in più, battè la testa contro l'orlo del marciapiede e cominciò a strillare. Subito alcuni pietosi la raccolsero e la portarono in una farmacia vicina. Poich'ella non aveva mai lasciato il mio braccio, mi trovai anch'io nella farmacia. Un medico si mise a fasciarle la testa. Ella non mi lasciava. E continuava a strillare.

A un tratto, movendo il braccio libero da lei (che era il sinistro) m'accorsi d'avere in quella mano un mezzo guinzaglio strappato. L'altra metà era scomparsa. Tanto per parlare, dissi ai presenti:

— Qui c'era attaccato un cane.

— Corro subito a cercarlo — proclamò il garzone della farmacia.

E scappò fuori.

Il medico, continuando a fasciare la mia amica, discorreva. Ora mi domandò:

— Lei viene dal centro ?

— No, vengo dal sobborgo.

— Allora non sa dirmi niente di quello che avviene in centro ?

— Non ne ho la più pallida idea.

— Dice che si battono.

— Perchè ?

— Non so; per ragioni politiche.

Poichè la donna continuava a strillare, le domandai:

— Cos' hai ? Perchè strilli ancora ? Ora puoi smettere.

Ella s'interruppe, stette un momento a guardarmi a bocca aperta, poi disse:

— Hai ragione: non ci avevo pensato.

Chiuse la bocca, e cominciò a tacere.

In quella il dottore terminava la fasciatura.

— Andiamo — dissi io.

— Bisogna che aspetti il cane — osservò il medico.

— È vero: chi pensava più?

— Per aspettare il cane — offerse cortesemente il farmacista — è meglio che vadano su.

E ci accompagnò in una stanza al primo piano.

In quella s'udì un ronzio di folla lontana, che si avvicinava.

M'affacciai alla finestra, con la donna da una parte e il guinzaglio dall'altra.

La folla si fermò proprio sotto la mia finestra. Urlavano come demonii. Feci per ritrarmi spaventato. Ma la donna osservò:

— Sono allegri.

Porsi l'orecchio. Infatti quel tumulto era fatto di voci che gridavano:

— Viva! Viva!

E tutti alzavano le braccia indicando me.

Rivolgendomi al farmacista, ch'era rimasto dietro noi, gli dissi:

— Qui ci dev'essere un equivoco.

— Lo dica a loro — mi consigliò sorridendo e accennando verso la strada.

Infatti la folla mi gridava:

— Parli! Parli!

Feci per sollevare con movimento oratorio il braccio destro. Ma ci sentii pesare la donna. Allora alzai il sinistro, col suo mezzo guinzaglio. E la folla fece un improvviso silenzio. Mi accinsi a onestamente disingannarla. Scandendo canoramente le sillabe, pronunciai:

— Qui, signori, c'è un equivoco . . .

Un urlo più immane e gioioso salì su dalla piazza. Distinsi alcune grida chiare:

— È vero — sì, sì — equivoco — non vogliamo più equivoco ! ! . . .

• Mentre quelli continuavano a gridare così, sentii bofonchiare al mio fianco sinistro. Guardai. Il garzone del farmacista, tutto lucente di sudore e di contentezza, stava legando un cane al mio mezzo guinzaglio.

— Eccolo, l'ho ritrovato, signore.

Invece non era il mio cane: era assai più alto e grosso. Ma non stimai opportuno fare osservazioni. Il fragore della folla si quietava, e nel silenzio ritornato squillò una voce imperiosa:

— Parli !

Alzai nuovamente il braccio sinistro verso le turbe. Il cane nuovo seguendo quel movimento si rizzò sulle gambe posteriori e appoggiò le anteriori al davanzale. Dall'altra parte la donna, chi sa perchè, si mise a piangere, stando sempre attaccata al mio braccio e in più abbandonandomisi col capo sopra una spalla. •

— Ora — dissi io alle turbe — ora abbiamo chiarito l'equivoco, non ho altro da dirvi, signori.

Un clamore altissimo sorse dalle moltitudini. — Bravo! — gridavano — Viva! — Lui! lui! vogliamo lui!!...

Volgendomi ancora al farmacista, lo interrogai:

— Vogliono me? Per che farsene?

Ed egli nuovamente con celestiale blandizia mi insinuò:

— Lo domandi a loro.

Ma, riaffacciato, vidi che i più vicini si stavano premendo entro la porta della farmacia, che li assorbiva come fa un gorgo. E subito si sentirono passi sussultorii salire le scale e una ventina di individui irrupero nella stanza. Mi voltai verso questi a metà, quanto me lo permettevano la donna che avevo a destra e il cane che avevo a sinistra.

I venti cittadini cominciarono a parlare tutti insieme, ond'io non capivo nulla. Se ne accorsero, e alcuni di essi si rassegnarono a star zitti. Ora parlavano sette od otto. Ma erano troppi ancora; riuscii ad annunziare loro con solennità:

— Non vi capisco.

Alcuni altri rinunziarono all'onore della parola, e finalmente me ne trovai in faccia soltanto tre o quattro, con gli altri di sfondo come coro muto. I corifei dicevano, rubandosi la frase l'un l'altro:

— Si decida, venga con noi.

— È necessario. Ti abbiamo cercato tutto il pomeriggio.

— Soltanto la vostra presenza può definire qualche cosa.

— Scusate, — dissi io — vi assicuro che non è me che cercavate, perchè . . .

— Lascia correre — m'interruppe il secondo — non è il momento di far sottigliezze.

— La folla vi ha visto.

— Il popolo ti ha sentito.

— Non si può più tergiversare. Senta come urlano.

— Ci occorre un capo.

— Vi chiamano.

— Fatti vedere.

Mi riesposi alla folla: le sue acclamazioni salivano verso me, m'investivano, e da me volavano al cielo.

— Parla . . .

— Dica: "sono con voi".

Io gridai:

— Sono con voi!

— Dite: "oggi e sempre".

Io assicurai alla folla della piazza:

— Oggi e sempre!

E istintivamente tesi ambe le mani col gesto sacro del giuramento. La mie mani rimasero a mezza strada, la don-

na cessó di piangere e ricominció a strillare, il cane abbaió.

— E ora vieni con noi — conchiusero i tre dietro me. E il coro della stanza, ch'era stato in ascolto fino allora, replicò:

— Vieni! vieni!

● Mi trovai stretto tra loro, sospinto giù per la scala. Quando fui abbasso, la farmacia era piena d'altra gente eccitata che mi accolsero con turbini di viva. Queste nuove grida mi sbalzarono fin nella strada. Qui rimasi assordato. Mi sentii issare nello spazio, mi trovai sopra un'alta piattaforma, che subito si mosse ondeggiando: doveva essere una specie di palanchino rudimentale, portato a spalle dai miei ammiratori più robusti, perchè con me, ai miei due fianchi, sul palanchino, c'erano da una parte il fido cane e dall'altra la devota donna. I movimenti sussultorii e ondulatorii del veicolo, il grido immane e incessante che rintronava l'aria, la mia immacolata riguardo tutto quanto m'accadeva, mi tuffaróno in una specie di stupore sonnolento: in breve non capii più dov'è fossi, nè che cosa facessero di me: mi lasciava un dormivèglia morboso che rapidamente mi s'attaccò alle membra e le gravò di un peso quasi materiale. A un certo punto m'accorsi che la donna mormorava nel mio orecchio destro parole di dedizione appassionata, mentre il cane mi leccava l'orecchio sinistro.

Quando uscii da quel letargo magico, nulla era mutato intorno a me: c'era la mia donna a destra, il mio cane a sinistra, la mobile piattaforma di sotto, che mi portava come una zattera su di una marea, la marea di teste umane e di grida: ma eravamo usciti dai gorgi delle strade cittadine e stavamo percorrendo un ampio viale d'alberi grandi storrenti. Spingendo avanti lo sguardo, vidi aprirsi in fondo al viale una specie di prateria verdissima, e in mezzo a quella un casamento con aspetto di villa. Arrivati quasi all'orlo del prato verde, vidi ch'esso era ricinto d'un cancello di ferro; l'entrata n'era custodita da guardiani armati. Di là dal cancello, entro il prato, sorgevano stormi d'uomini in attitudini minacciose. Anche dalle finestre ur-

lavano teste affacciate d'uomini e di donne.

Contro il cancello, la marea che mi portava, più ferocemente mugghiando si fermò. Poi d'improvviso come per incanto si tacque, e uno degli uomini che m'erano più vicini mi gridò:

— Cosa si deve fare? Comanda!

Io comandai:

— Entrare là dentro!

— E poi?

— E poi — continuai a comandare — occupare il prato e la villa.

Allora lui si rivolse alla testa della colonna e urlò con voce più che umana:

— Avanti!

Vidi gli uomini della testa alzare grossi bastoni e roteandoli vorticosamente nell'aria lanciarsi sopra e custodi del cancello, che piombarono a terra: il cancello urtato dalla colonna si spalancò, la mia marea invase il prato mentre gli antichi occupanti fuggivano a precipizio. Anche le teste iraconde ch'erano alle finestre scomparvero, non so dove. Nè potei seguire partitamente ciò che avveniva perchè d'un tratto mi sentii portato in là con urti sì violenti che istintivamente chiusi gli occhi, mentre la donna e il cane si avvinchiavano più stretti, a' miei fianchi e quasi dentro le mie carni. Quando quella tempesta parve sminuire, riapersi gli occhi. Ora un delirio di gioia montava su dalla folla vittoriosa, la mia folla.

— Abbiamo vinto! — gridavano.

Infatti eravamo tutti entro il prato.

Poi m'incitarono:

— Comanda! comanda! Siamo tuoi, oggi e sempre. Cosa vuoi che facciamo?

Pensai un momento, un momento solo, brevissimo. Poi risoluto esclamai, nel silenzio che trepidando aspettava il mio verbo:

— Andiamo tutti a riposare!

Un'ultima acclamazione premiò la mia eloquenza. Riecheggiò come saluto il grido "Oggi e sempre". E fui posato a terra Tutti si sparpagliarono.

I più volonterosi m'introdussero nella villa, mi fecero salire uno scalone solenne, mi guidarono in una grande camera lussuosa, e ivi mi lasciarono. Ma due di essi si distesero sul ripiano avanti all'uscio, per custodire il mio sonno.

Chiusi l'uscio rasente i loro corpi. Lasciai il cane, che trascinando il guinzaglio corse a fiutare attorno per tutte le pareti. Mi svincolai delicatamente dalla donna, e soltanto allora mi resi conto che da qualche tempo ella aveva ricominciato il suo lamento distratto e monotono. Mi coricai, ed ella con me, e ivi la feci star zitta: poi si addormentò. Vidi che il cane s'era allungato a dormire accanto al letto. Anch'io mi addormentai.

Mi svegliai che albeggiava.

La mia donna al mio fianco dormiva, con un respiro che finiva in un gemito. Mi rigirai per non vederla. Sentii come un vago fetore salirmi alle narici: guardando in giù, capii che veniva dal corpo del mio cane. Scesi dal letto pianamente, per non disturbali, anzi per non destare la loro compagnia. Mi affacciai alla finestra con desiderio di respirare. Nella luce livida distinsi, sul prato, gruppi d'uomini che abbandonati a terra giacevano: la mia folla. Più là il verde delle siepi era rigato dalle nere aste del cancello. Più là ancora s'intravedeva il viale, e oltre, le case e le vie della città. Sentii segni più precisi di nausea turbarmi. Mi pareva che la folla emanasse feteri come il cane, che gemesse fastidiosamente come la donna. D'improvviso, soltanto allora, mi domandai:

— Chi sono ? che cosa vogliono ? che cosa stiamo facendo ?

Allora mi maravigliai di non essermi fatto prima, nè la notte nè la sera avanti nè durante il cammino nè mai un momento dal principio della mia bislacca avventura, una così naturale domanda.

E subito appresso mi maravigliai ancora più forte, accorgendomi che anche ora me l'ero fatta, quella domanda, così, per un'abitudine logica, ma senza nessuna vera curiosità, senza alcuna ansia di sapere.

Pure in breve mi avvidi che la mia indifferenza aveva una causa precisa; questa: che ogni curiosa vigilanza era in me sopraffatta da quel senso di nausea.

— Quando l'uomo ha la nausea — scoprii — fugge il desiderio di conoscenza che lo fa vicino agli Dei.

Il fetore canino che mi avviluppava, fu corso dalla memoria di due frasi, due promesse: l'una della mia compagna che aveva dichiarato "per tutta la vita", l'altra della mia folla che aveva giurato "oggi e sempre".

Conclusi:

— Il fido cane è sudicio, la devota donna è querula, l'appassionata folla è stridula. Bisogna passar la vita a educare il cane, a tenere allegra la donna, a far tacere la folla, che si hanno in dominio. Oppure saper sopportare il puzzo, la malinconia, il clamore. Non so quale dei due sistemi sia indicato come classico e raccomandato dagli intenditori di dominazione.

Piano piano mi ritrassi, evitando di guardare la donna, di farmi sentire dal cane. Apersi l'uscio cautamente, scavalcai le guardie dormenti, scesi, traversai come una larva i gruppi abbandonati sul prato, raggiunsi i cancelli, uscii; e ivi cominciai a correre, cacciato dalla paura, da una paura cieca, che m'invase, che il mio cane, la mia donna e la mia folla mi raggiunsero, mi rioffrirono il dominio.

Così correndo, m'imbattei in un uomo monturato che fermandomi mi domandò:

— Chi siete ?

— Sono io — risposi.

— Non basta.

— Deve bastare ! — proclamai con risolutezza.

Egli insistette:

— Ditemi le vostre generalità.

— Sono io, — ripetei — non abito in nessun luogo, non possiedo nulla, non sono di nessuno.

Così altamente parlai, che l'uomo mi guardò immobile un istante, poi subito s'allontanò da me: sia che egli mi abbia preso per matto, sia che, come spero, abbia sentito la forza profonda dell'orgoglio con cui io avevo pronunciato la dichiarazione della mia fede e della mia vita.

MASSIMO BONTEMPELLI.

MASSIMO BONTEMPELLI — Viaggi e Scoperte—Milano, Mondadori—9 liras

•

L'arte di Bontempelli

Bontempelli è riapparso tutto nuovo nella letteratura Italiana nel 1919, lacerando quella mezza dozzina di libri che aveva scritto. Da allora ad oggi i suoi mezzi si sono perfezionati a tal punto che la sua posizione nella nostra letteratura è alta.

Il suo sviluppo è lungi dall'essere concluso ed ogni sua nuova espressione è un lavoro curioso che non giova a lui solo, anche se la conquista non è raggiunta trionfalmente. Egli è di fronte all'arte in una posizione di umiltà assoluta. Pur avendo raggiunta una bravura e una facilità che distinguono un suo scritto fra mille, l'arte ha per lui ad ogni nuovo compito difficoltà nuove che non gli è possibile risolvere con elementi già noti e con mezzi già posseduti.

In questo lavoro consiste principalmente il suo interesse a scrivere, e da ciò le sue pagine hanno qualche lato avventuroso già nel semplice correre e negli incontri delle parole. Fatalmente, quando avrà posseduto un gergo e una cifra, dovrà disfarsene perchè in tanto è vivo in quanto capace di ricreare daccapo il suo potere.

Per un artista questo continuo batticuore é l'impedimento all'abitudine e al mestiere.

Queste due condizioni molto naturali sono il terrore di Bontempelli che perciò sarà destinato a cercare sempre una casa come fa da qualche anno, e a rovesciare da se stesso, le

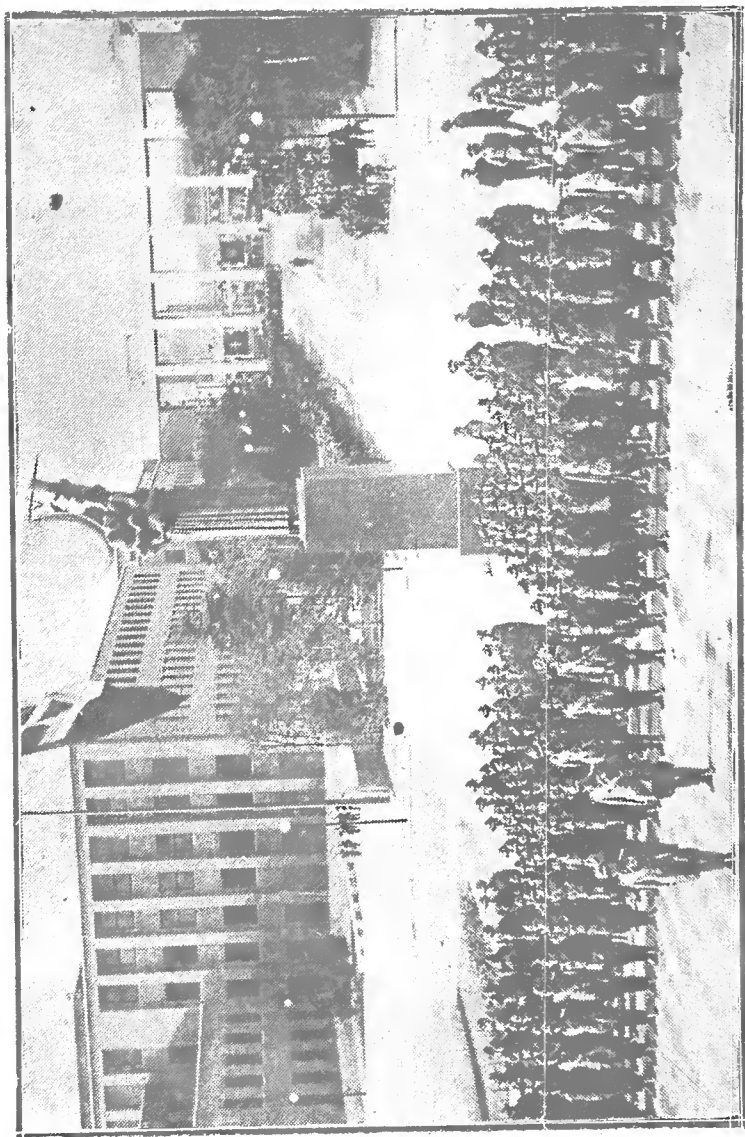
STUDIUM URBIS



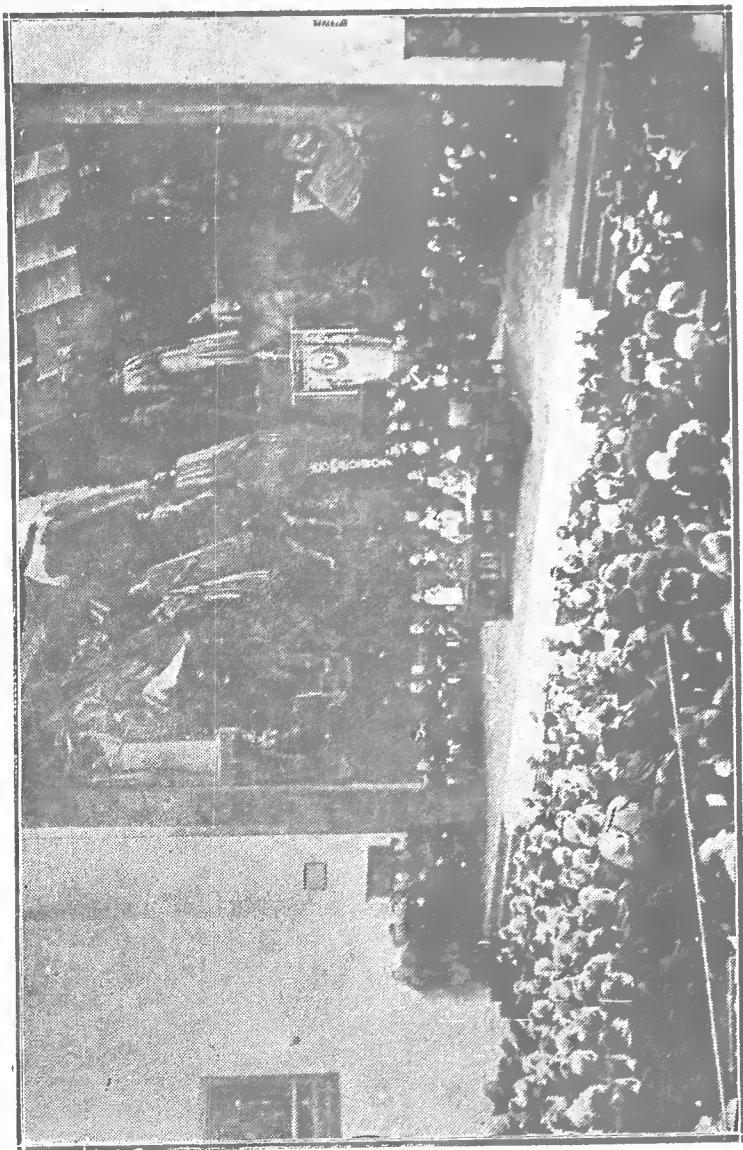
MINERVA
Statua in bronzo di Arturo Martini
(Università di Roma)



AFFRESCO DEL PITTORE SIRONI
(Aula Magna della Università di Roma)



LA NUOVA UNIVERSITA DI ROMA - LA CORTE D'ONORE



LA' NUOVA UNIVERSITA DI ROMA — L'AULA MAGNA

migliori situazioni che uno scrittore della sua forza può raggiungere e raggiunge.

Bontempelli mi fa l'impressione di quegli operai che dormono sui muri delle costruzioni nuove o sui parapetti delle ville. La sua espressione mi fa quasi pena, tanto è sempre ugualmente attenta, preoccupata, fissa. Chi gli parla ha l'impressione che le parole percorrano una strada prima di picchiargli nel cervello. D'altra parte le sue risposte arrivano cariche di elementi impensati tra i quali la domanda è rimasta senza una risposta precisa, e come un tema di un certo ordine di pensiero. Frequentandolo meglio ci si accorge che due o tre argomenti lo interessano e lo colpiscono immediatamente, provocando in lui una reazione sorda e profonda.

Si può dire che su questi argomenti girano tutti i suoi pensieri, e sono i nuclei del suo mondo apparentemente senza origine certa e senza freno. Questi argomenti certi, poi, non sono altro che i rapporti tra mondo reale e mondo ideale, fra leggi accettate universalmente e tentativi di evadere, tra certezze sublimi e aspirazione ad un ideale libertà.

Talvolta lo si crederebbe uno spirito alimentato da quel poco che occorre per sentirne la voce: ma le sue invettive e le sue definizioni sono sanguinose e portano in loro una tale violenza fisica da far sentire come la sua lotta contro la materia sia piena di inimicizia carnale. Alcuni dei suoi pezzi polemici sono rovesciati sul nemico come una scarica di calci e di pugni più come delle cosiddette armi cortesi.

L'immagine reale dalla quale scaturisce il suo lavoro è a volta a volta decifrabile. Ma l'orrore del già fatto, del mito letterario, lo cacciano a una intransigenza feroce.

I suoi personaggi hanno l'aria di essere perseguitati. Nella solennità rotonda che talvolta raggiunge il suo stile, una parola comune o un autentico luogo comune buca come uno spillo. Dicevo che il suo stesso stile è avventuroso. Ed ecco che in uno stesso periodo l'immagine e la parole nobile e consunta hanno il loro contrappeso in una insolente e

nuova banalità che ne trasforma il significato e ne dà un contrasto fra accademico e grottesco, con un parallelismo pieno di stile e di disprezzo del pericolo.

Si direbbe così che per lui l'operazione dello scrivere sia di pura associazione di idee, per cui lo stesso andamento del lavoro dipende alle volte da una parola incontrata casualmente o da una illazione taciuta che partorisce nuove immagini costruite su un atto meccanico del pensiero. Allora si avverte uno strappo e un salto, come a cinematografo, quando è saltato un quadro e le figure fanno un brusco movimento, senza passaggi nè gradazioni.

Talvolta è una immagine secolare che fornisce il mezzo per un'espressione insolita. I traslati comuni, come per esempio volare invece di correre, eccetera, usati fuori della loro forma stabile e ormai convenuta, staccati dalle particelle che ne attenuano il trapasso nel mondo delle figurazioni, diventano vere e proprie espressioni di realtà concreta. La parola quindi suggerisce l'immagine, e la metafora diventa azione non si sa se più grottesca o divertente.

Alcune arti modernissime nascono da ciò: che essendo diventata la creazione qualche cosa di schematico e di già preparato e obbligato, l'artista si è rivoltato contro la materia e le ha fatto assumere significati per se stessa. Così ai piani e ai colori hanno sostituito la composizione operando come suggestioni e come simboli già preparati. L'arte dunque non sarebbe un modo di esprimersi ma un mezzo per richiamare pensieri e mondi servendosi di semplici suggestioni; lentamente l'arte si avvierebbe a una vera e propria scrittura ideografica e di simboli materiali. Bontempelli, che ha tutta l'apparenza di appartenere a queste novità non vi appartiene affatto. Se mai a questa espressione ottusa dei segni per se stessi o delle immagini o dei miti già ridotti al valore di segni lavorano i così detti nuovi classici nei quali la composizione, fatta del modo degli antichi, ma senza l'ispirazione e la trepidazione per la novità della materia, si risolve in un abuso di cose inerti e acquista quel carattere iso-

lato di prospettiva geometrica, senza altro senso se non quello dei piani che la compogono. E' un'arte tattile e non supera la sensualità mistica delle forme per la loro discendenza e per il loro stato di decadenza e di inanità.

L'arte di Bontempelli è tutt'altra. Essa parte da una vera e propria ispirazione e da uno stato poetico per svolgersi poi secondo lo stesso andamento delle parole. In essa anzi lo stile è parte essenziale del mondo che vuol essere creato. Qualche volta basterebbe abbassare una sua pagina di tono, tagliarvi quei misteriosi legami che la tengono a un mondo fantastico; per averne un'azione assolutamente banale e al disotto dello stesso verismo. E' per questo che il problema artistico di Bontempelli risorge nuovo ad ogni nuova operazione. Si tratta generalmente della sovrapposizione di simboli, di allegorie, di figurazioni, a un mondo inerte e senza segreti. Solo i mezzi di espressione operano il delinearsi di questa arte specialissima. Le parole si riempiono di significati sinistri o curiosi, allo stesso modo di alcuni oggetti che guardati fissamente per se stessi sembrano destarsi dalla loro inerzia geometrica e in procinto di parlare con voce incantata.

La sua arte procede tuttavia parallelamente a un mondo solido e logico, lasciato però come un sottinteso. Le sue situazioni, procedendo, violano il corso normale dei fatti, e là dove il mondo non conclude che a piccoli episodi in lui precipita: il suo paesaggio artistico è un mostruoso scatenamento, di fatti e di cose tolti alla lor ottusità e armati di intelligenza e di logica. Come il dramma di Pirandello che arriva alla ribalta quando si sono spenti i lumi, l'arte di Bontempelli comincia dove il possibile ha il suo limite e la logica diventa un'aspirazione verso un mondo divino.

CORRADO ALVARO

Cartas dos leitores

Senhør Director,

Cahiram-me nas mãos alguns livros didacticos adoptados nas nossas escolas secundarias, e eu quiz dar uma o'hadela aos capitulos referentes á litteratura italiana. O resultado desse rapido exame foi antes desagradavel para mim. Eu tive a confirmação daquillo que, ha tempos, pensava: isto é, que a cultura italiana está ainda muito descurada no nosso paiz.

Pod ria citar muitos exemplos, mas me limitarei só a dois, que, devido ao nome dos autores e á importancia das obras em que estão contidos, me parecem de maior gravidade.

Encontro o 1.º primeiro no volume de Francisco Ribeiro dos Santos, intitulado *LITTERATURA GERAL* e destinado ao vestibular de Direito, o qual trata, na pagina 58, da litteratura italiana do seculo XIX, nestes termos:

"No seculo XIX Hugo Foscolo, com as Cartas de Jacopo Ortis, implantou o romantismo na Italia. Celebrizaram-se tambem: Manzoni, *I miei frigioni*; Leopardi: *La vita nuova*; Stecchetti: *Posthumus*; De Amicis: *Cuore*; Cesar Cantù, historiador; Gabriel D'Annunzio, poeta classico e romantico a um tempo, autor de *Francesca da Rimini*, uma das melhores obras".

Como vê, sr. Director, Manzoni tornou-se o autor dos "*Miei frigioni*", isto é, das *MIE PRIGIONI*, que ao contrario é de Silvio Pellico; Leopardi escreveu *LA VITA NUOVA*, que envez é de Dante; e Stecchetti e Cantù são, na opinião do autor, infinitamente superiores aos outros grandes escriptores, como Carducci, por exemplo, a quem nem ao mesmo volve um pensamento.

O segundo exemplo eu tiro da conhecidissima *HISTORIA DA LITTERATURA*, de Marques da Cruz, que na pagina 85 dedica á vida e ás obras de Dante um numero tão notavel de inexactidões, inconcebíveis em um livro que chegou á sexta edição. Póde-se dizer que não ha linha sem grande ou pequeno erro: mas, para referirmo-nos aos

maiores, começaremos a citar os seguintes: que Dante escreveu em Sienez, cousa simplesmente inconcebível para um fiorentino de hoje, de hontem e de sempre; que, enviado para o exílio, "começou a sua penosa retirada através da Italia, sempre perseguido", como si se tratasse de um commandante de exercito vencido e não de um cidadão exilado por razões politicas; e, finalmente, "dizem que Dante só pretendia escrever o Inferno e por isso o titulo Divina Comedia só se adapta bem á primeira parte e não ao purgatorio e ao paraíso", quando, ao contrario, todos sabem que o titulo comedia, si tem um significado, é justamente o de composição dramatica de fim alegre e portanto só adoptado ao poema pelo facto de que termina com a redempção do peccado e com a gloria do paraíso. .

JOSE' MARTINI.

A communicação que nos faz o senhor Martini não é, sem duvida, consoladora. Si isso acontece no Estado de S. Paulo, onde vivem centenas de milhares de italianos e milhões de seus descendentes, não sabemos que cousa póde acontecer nos outros Estados do Brasil. Dizem que a culpa é dos italianos que não tratam de tornar conhecidos os thesouros da sua arte e da sua literatura. E póde ser que haja alguma cousa de verdadeiro nessa accusação. Mas isso não explica como professores que compilam livros de texto para as escolas não se dêem ao trabalho de consultar alguns manuaes de literatura italiana para adquirir aquellos poucos elementares conhecimentos que querem ensinar aos seus discipulos.

(N. da R.).

Os premios Mussolini

Todo o anno, na passagem do Natal de Roma, a Real Academia da Italia confere solemnemente, no Capitolio, com a presença de S. M. o Rei, os quatro Premios Mussolini, instituidos por iniciativa e generosidade dos irmãos Crespi, proprietarios do "Corriere della Sera".

Os premios, conspicuos pelos beneficios materiaes que acarretam (50.000 liras cada um) e ainda pelo nome do Duce com que se intitulam, estão entre as recompensas mais ambicionadas a que possam aspirar os artistas e os scientistas da Italia. São quatro premios, dedicados a grandes figuras da arte, da literatura, ou da sciencia, que se tenham particularmente distinguido com suas obras. O premio não é conferido a uma só obra, mas a todas, á producção total, e, pois, á personalidade do artista ou do scientista.

Os quatro premiados deste anno são todos figuras de grande relevo e já alcançaram notoriedade internacional.

Por proposta de Luigi Pirandello, o premio de literatura foi conferido a *Emilio Cecchi*, que Pirandello em sua relação julga: "um dos escriptores mais finos da moderna literatura italiana". Critico literario e artistico entre os mais felizes, escriptor agudo e brilhante, como poucos entre os notaveis: mente agil e prompta a todo chamado do tempo. Alguns de seus livros, como "*Pesci rossi*", e "*L'osteria del cattivo tempo*", estão entre as obras mais frescas e perfeitas com que contam as letras italianas contemporaneas. Cecchi é toscano, nasceu em Florença, ha cincoenta annos. Interessou-se pela arte cinematographica, dirigindo por alguns annos o cohecido estabelecimento italiano "Cines". E foi tambem professor de literatura italiana na America do Norte.

Tambem o insigne historiador *Ettore Pais* recebeu este anno a justa recompensa aos seus cincoenta annos de fadiga sobre a historia de Roma. A sua obra monumental consiste em uma longa serie de volumes que investigam co madmiravel acuidade alguns dos

periodos mais interessantes da historia romana. Pais é do Piemonte e já completou felizmente a idade de oitenta annos. O seu volume mais recente foi publicado ha dois annos (*La storia di Roma Nell'està regia*).

Para as artes figurativas, por proposta do pintor Ettore Tito, o premio foi conferido a *Gaudenzi*, genovez, que foi recentemente nomeado cathedratico de pintura na Real Academia de Napoles, cathedra que está entre as mais illustres da Italia, porque já foi coberta por dois dos mais fortes pintores do seculo XIX, como Morelli e Palizzi.

Giulio Chiarugi, chefe de uma florescente escola de anatomistas no Studio Florentino, recebeu o premio de sciencias. A obra de Chiarugi foi já ha tempo reconhecida unanimemente por parte de todos os estudiosos, italianos e estrangeiros. Algumas de suas obras, como: "*Le istituzioni di anatomia dell'uomo*" e o "*Trattato di Embriologia*" já entraram para o numero das classicas, pela sua admiravel clareza e profundidade.

Os amores de Horacio

Em elegante edição da Livraria Editora Breguiet, do Rio, appareceu o discurso pronunciado por ocasião das commerações do bimillenario de Horacio, pelo prof. Aloysio de Castro, o illustre presidente da Junta Brasileira Pró Italia.

Para quem não teve a fortuna de assistir áquella memoravel reunião e ouvir a viva voz do orador a sua bella commemoração, a leitura desse livrinho lhe proporcionará um indizível prazer espirital. Aloysio de Castro, poeta humanissimo, é, entre os grandes espiritos brasileiros, talvez aquelle mais apto para entender e penetrar no coração de Horacio e no intimo da sua poesia.

Noticiario

MILÃO — *Exposição da architectura rural do Mediterraneo.*

Entre as novas secções que este anno enriquecem a VI Triennial, isto é, a Exposição das Artes Decorativas Italianas, que se abre, como é sabido, de tres em tres annos em Milão, figura a Exposição da architectura rural do Mediterraneo.

Além de uma riquissima documentação de todos os motivos architectonicos das varias regiões da Italia, a exposição apresenta os ensaios mais caracteristicos das casas ruraes de toda a bacia do Mediterraneo, isto é, Palestina, Egypto, Lybia, Hespanha, Provença, etc.

Toda a documentação exposta faz resaltar em plena luz a decisiva influencia da civilização de Roma, que diffundiu em toda parte os seus criterios constructivos, tambem nas suas fórmulas mais modestas, como estas pequenas casas de campo que apresentam tanta semelhança e parentesco com as phases mais evoluídas e monumentaes da architectura romana.

★ ★ ★

CAPRI — *Insula.*

Iniciar-se-á no dia 1.º de julho a publicação, em Capri, de uma série de cadernos bi-mensaes intitulada *INSULA*, e organizada por tres conhecidos escriptores italianos: Edwin Cerio, Eugenio Montale e Alberto Consiglio.

Não será propriamente uma revista de Capri, mas antes uma revista de cultura internacional, publicada na atmosphera de um dos poucos logares do mundo onde as correntes do espirito internacional se encontram em plena serenidade.

INSULA hospedará escriptos de varios escriptores estrangeiros e estudará usos, costumes e tradições, fauna e flora não só de Capri mas de todas as principais ilhas mediterraneas.

ROMA — *Exposição do Livro Colonial.*

Será em breve inaugurada, em Roma, a Exposição do Livro Colonial, que é destinada a despertar de novo o interesse por esse genero de literatura, que teve tanto favor no seculo passado mas que nos ultimos annos appa eceu escassamente cultivado pelos nossos escriptores.

São organizadores da exposição o escriptor Francesco Saponi e o pintor Francesco dal Pozzo, que por longos annos viveu na côrte do Rei do Sião.

* * *

ROMA — *Cinema a côres e estereoscopico.*

No estabelecimento "Perfecta Film", creado em Roma especialmente para a producção dos filmes a côres e estereoscopicos, segundo os processos inventados pelo engenheiro Gualtierotti, está agora sendo filmado o primeiro filme desse genero, que apparecerá próximamente nos cinemas italianos com o titulo NOZZE VAGABONDE.

Os novos systemas Gualtierotti, de que já se interessou largamente a imprensa internacional, exigem installações especiaes para sua producção e exhibição, porque, como é sabido, exigem pelliculas de largura o dobro das communs. A Italia deveu, por isso, prover á construcção de toda uma apparelhagem especial, confiada inteiramente á maestria da industria italiana.

* * *

ROMA — *Novos filmes.*

Entre os filmes que estão em vias de execução nos estabelecimentos da CINES, os dois que mais têm chamado a attenção da critica são "MA NON E' UNA COSA SERIA", extrahido da famosa comedia de Luigi Pirandello, e "LA DANZA DELLE LANCETTE", devida ao scenario de Emilio De Martino, redactor esportivo do "Corriere della Sera". O primeiro está quasi terminado e em breve será exhibido em um dos maiores cinemas da capital. Foi dirigido por Mario Camerini, um dos mais habéis directores com que conta o cinema italiano, e têm como actores principaes Vittorio De Sica e Elsa de Giorgi: o outro apresentará, entre suas scenas de maior interesse, os aspectos mais salientes das corridas das MILLE MIGLIA, que foram tirados na ultima prova do mez passado.

CORRIDONIA — *Monumento a Filippo Corridoni.*

O prof. Oddo Aliventi, de Roma, venceu o concurso promovido para o monumento a erigir-se em Corridonia á memoria do heróe inesquecivel. O pequeno busto reproduz a figura de Corridoni no momento em que é ferido na fronte nas trincheiras de Frasche. No pedestal se vêem em baixo relevo as scenas mais relevantes da vida do heróe.

* * *

AMSTERDAM — *Concursos para o Carme Latino.*

No Concurso Annual Internacional "Carme Latino", que, como se sabe, se realiza desde muitos annos na Academia de Sciencias de Amsterdam, recebeu o primeiro premio o poema HYLE, de Vittorio Genovesi, de Roma. Outros premios foram conferidos ao prof. Francesco Alessio, de Radicena, e ao autor, tambem italiano e ainda desconhecido, do poema MORS LANIANA.

* * *

MILÃO — *Novidades Mondadori.*

Além de UAL-UAL, do major Cimmaruta, conhecido official que sustentou o ataque das hordas abyssinias nos poços de Ual-Ual em dezembro do anno passado, a Casa Mondadori, de Milano, tem no prelo um outro volume destinado a despertar grande interesse. O novo volume, devido a Francesco Di Lauro, já consul da Italia em Gondar desde o inicio das hostilidades, descreve minuciosamente todos os acontecimentos de que foi testemunha, e apresenta ainda noticias particularizadas sobre as possibilidades de aproveitamento que offerece a terra dos Amhara: territorio que, na opinião do consul Di Lauro, poderia hospedar e dar trabalho a dois milhões de italianos.

* * *

VENEZA — *Exposição do livro de arte na Biennal.*

A Biennal, que, como se sabe, é a maior manifestação artistica internacional e se abre de dois em dois annos em Veneza, terá este anno uma nova secção dedicada ao livro. A Exposição do livro será montada no pavilhão das artes decorativas. Naturalmente terá uma extensão limitada ás obras que têm escopos puramente artisticos. O criterio que foi escolhido para tal exposição é o de que ella acolherá só as obras cujas illustrações sejam tiradas dire-

etamente de incisões em madeira, em cobre ou em pedra, sem intervenção de meios mechanicos. Trata-se de edições especiaes e numeradas, reservadas em geral a poucos amadores e que, pela sua própria raridade, não chegam nunca ao grande publico.

Por esse criterio de limitação, a Exposição só apresentará um numero assaz pequeno de livros: cerca de duzentos publicados em todos os paizes da Europa e da America de 1900 até hoje. São obras primas da arte de imprimir, que pela primeira vez apparecerão juntos em uma exposição publica.

A Exposição reunirá tambem alguns poucos exemplares de encadernação de arte de excepcional valor.

* * *

ROMA — O “Sabbado Theatral” para os trabalhadores italianos.

Inaugurou-se ha algumas semanas, por iniciativa do Ministerio da Imprensa e da Propaganda, o “Sabbado Theatral”.

Trata-se de grandes espectaculos que, após um accordo entre as organizações do Dopolavoro, as Federações Fascistas e a Corporação do Theatro, são offerecidos, sabbado depois do meio dia, a todos os trabalhadores e exclusivamente a elles, nos grandes theatros lyricos e dramaticos, em todas as cidades da Italia.

A politica desejada por Mussolini “*andare verso il popolo*” é assim realizada tambem no campo recreativo. Todos os italianos, tambem aquelles que dispõem de meios modestos, poderão, doravante, assistir aos mais perfeitos espectaculos theatraes representados pelos mesmos conjunctos artisticos que até agora representavam unicamente as classes abastadas.

Nos “Sabbados Theatraes”, uma poltrona custa, no Theatro Real da Opera, quatro liras, e uma só lira em todos os outros, isto é, menos de um decimo dos preços pagos normalmente nos theatros italianos.

* * *

ROMA — Exposição do Pensionato francez.

Foi inaugurada pelo Rei da Italia a 9 do corrente mez, a exposição annual dos artistas francezes que são hospedes da Academia da França em Villa Medici, no Pincio. O acontecimento, que constitue um dos attractivos da primavera romana, suscitou tambem este anno notavel interesse.

Nelle tomaram parte, num total de 120 obras, dois pintores, tres esculptores e tres gravadores. As obras que mais interessaram o publico e a critica são as do esculptor Bouquillon, com um grande baixo relevo "*Lo Stadio*", uma cabeça de abyssinio, e uma pequena estatua em bronze "*La primavera*". Tambem o gesso de Lagriffoul inspirado no Renascimento italiano recolheu muitos elogios.

* * *

ROMA — *Um novo livro de Gabriel d'Annunzio.*

Está já em circulação, ha algumas semanas, o novo livro de Gabriel d'Annunzio, escripto em grande parte em francez antigo, e intitulado: "Le dit du sourd et muet qui fut miraclé an l'an de grâce 1266".

O poeta quiz que seu livro apparecesse no vigessimo anniversario do seu famoso discurso de Quarto, pronunciado em favor da intervenção da Italia na grande guerra ao lado da França e da Belgica e da Inglaterra.

Composto em 1930, o livro só é publicado hoje "pour opposer hardiment un lumineux témoignage d'amour a des ombres importunes" e é dedicado aos "bons cavalleiros latinos da França e da Italia".

Bello gesto, pois, de fraternidade, feito com a inalcançavel arte do grande poeta da latinidade.

* * *

ROMA — *O Theatro dos "Indipendenti".*

Anton Giulio Bragaglia, o famoso regente da vanguarda, recommçou recentemente as representações dos "Indipendenti", que durante tantos annos se tinham realizado entre os escombros das velhas construcções romanas, na "Via degli Avignonesi".

Apresentou para a nova breve estação duas novidades, de grande interesse para o publico romano: um drama em um acto de O'Neil e uma comedia em tres actos de Sarazani.

O primeiro faz parte da série de dramas marítimos do grande escriptor americano que Bragaglia pela primeira vez tornou conhecido do publico italiano. Tem como titulo: *Dove é il segno della croce*. Trata-se de um velho capitão de mar que, enlouquecido, espera o retorno da sua nave, de volta da ilha dos thesouros. Ha annos que a barca naufragou, mas o capitão espera sempre, até que chega o dia da sua morte, por syncope.

Tambem a comedia de Sarazani *La casa sul lago* tem por pro-

tagonista um louco. Mas aqui se trata de um louco cerebral, improvavelmente enriquecido, que quer fazer viver na realidade as phantasias do seu sonho.

Os dois trabalhos, encenados com a conhecida habilidade de Bragaglia, interessaram vivamente, e tiveram um bom numero de reprises.

★ ★ ★

MILANO — "Vedere".

O editor Hoepli iniciou a publicação dos grandes documentos ilustrados, estampados em rotogravura, intitulados "Vedere", que serão a integração da sua fortunada revista "Sapere".

Os dois primeiros fascículos são dedicados aos "Pionieri d'Africa" e às "Ali d'Italia".

★ ★ ★

ROMA — Homenagem ao sr. Magalhães de Azeredo.

Foram entregues ao sr. Carlos Magalhães de Azeredo, antigo embaixador do Brasil junto á Santa Sé e membro da Academia Brasileira de Letras, os louros do Palatino.

A solenne cerimonia se realizou no grande salão do palacio Doria Pamphily, séde da Embaixada do Brasil, estando presentes a senhorinha Jandyrá Vargas, filha do Presidente do Brasil, o sabio Guglielmo Marconi, presidente da Liga "Amici del Brasile", e o sr. Emile Male, membro da Academia Franceza, a quem o anno passado coube a honra que hoje é tributada ao poeta brasileiro.

O sr. Enrico Contardi Rhodio, secretario da Academia "De Latinitate excolenda", fez uma descripção da obra do sr. Magalhães de Azeredo e mostrou como esse autor traduzir seu amor pela latinidade. Seguiu-se com a palavra o senador Alfredo Baccelli, presidente da referida Academia, que expressou os sentimentos de afeição da Italia pelo Brasil.

Respondeu o sr. Magalhães de Azeredo manifestando sua gratidão pela homenagem que recebia, declarando-se feliz por ser o primeiro poeta sul-americano escolhido para receber os louros. Lembrou que seu amor pela Italia não era um sentimento novo, terminando por celebrar a gloria da Italia moderna.

O embaixador do Brasil, sr. Guerra Durval, traduziu os sentimentos do Brasil pela homenagem que a Italia prestava a um dos seus filhos.

ROMA — *Balanço theatral.*

De 1.º de junho de 1935 a 30 de abril de 1936 as companhias dramaticas da Italia representaram 62 novidades italianas, das quaes 19 de autores totalmente novos no palco. 6 foram historicas e 56 modernas; 17 comicas e 45 dramaticas. Os autores mais prolificos de junho de 1935 até abril de 1936 foram: Guglielmo Giannini, com 5 trabalhos ("*Tempesta*", "*La miniera*", "*L'angelo nero*", "*Supergiallo*" e "*Mani in alto*"); Rino Alessi, com tres trabalhos ("*Caterina de Medici*", "*La Signora Romieu*" e "*Il volo degli avvoltoi*"); com 2 trabalhos cada um, Cesare Giulio Viola, Giuseppe Adami, Vincenzo Tieri, Giovanni Tonelli, Rovinelli, Bruno Corra e Achille, Oreste Biancoli e Armando Falconi.

* * *

ROMA — *Annuario del Teatro Italiano.*

Sahiu no dia 1.º de junho o *Annuario del Teatro Italiano* (anno 2.º), sob os cuidados da Sociedade Italiana dos Autores e Editores, com prefacio do novo presidente, sr. Emilio Bodrero. No volume, de cerca de 400 paginas, se encontram os enredos de todas as comedias italianas representadas pelas companhias regulares em 1935|36. Todo enredo figura em cinco linguas: italiano, francez, allemão, inglez e hespanhol. Existe tambem no *Annuario* um índice completo dos titulos de todas as comedias representadas pelos autores italianos vivos.

* * *

ROMA — *Nova Companhia Chiarelli.*

Luigi Chiarelli, o conhecidissimo autor de "*La maschera e il Volto*", dirigirá, no proximo anno theatral de 1936|37, uma nova companhia dramatica, da qual farão parte Luigi Cimara, Andreina Pagnani, Filippo Scelso e outros autores conhecidos e de valor. A companhia terá um repertorio prevalentemente italiano de comedias novissimas e de importantes repetições do fim do seculo XIX e dos primeiros lustros do seculo XX.

* * *

MILÃO — *Exposição de Scenotechnica.*

Uma importante e interessante Exposição Internacional de Scenotechnica moderna será inaugurada proximamente no *Palazzo dell'Arte*, com a Quarta Triennal. A Secção Italiana dessa Exposição

compreenderá uma collecção de pequenos esboços e de desenhos de scenas e costumes, e uma série de theatrinhos, os quaes darão em miniatura a exacta illusão do quadro scenico verdadeiro e proprio. Dada a particular importancia que assumiu a luz no palco, um especial cuidado será volvido ao estudo das installações electricas na scenotechnica moderna. A Secção estrangeira apresentará as realizações dos melhores artistas em notaveis obras de prosa ou lyricas.

★ ★ ★

PESTO — *Espectaculos classicos.*

Estão sendo preparados em Pesto, onde se encontram imponentes vestigios dos templos gregos, espectaculos classicos de igual genero do theatro grego de Siracusa. O palco será situado entre o templo de Neptuno e a Basilica.

As representações serão levadas a effeito no crepusculo. Farse-á a evocação de uma das festas mais antigas do mundo hellenico, a festa das Panateas.

O programma será completado com dois idyllios de Theocrito, adaptados por Ettore Bignani, intitulados *La morte de Dafne* e *Epitalamio di Elena*. As duas representações terão acompanhamento musical: a primeira de Debussy, a segunda de Giuseppe Mulè.

Bibliographia

LETRAS E ARTES

SACCHETTI ENRICO: *VITA D'ARTISTA* (Liberio Andreotti) — Milão
Dante Alighieri — Com 30 desenhos originaes e
13 quadros. 12 liras.

Enrico Sacchetti está entre os desenhistas mais conhecidos e fecundos da Italia. As suas illustrações apparecem ha muitos annos nas revistas italianas e especialmente na LETTURA, de Milão. Mas é menos sabido que elle cultivava, desde algum tempo e com egual amor, tambem a arte de escrever. Toscano de nascimento e de engenho, com esta sua "Vida d'artista" soube dar-nos uma prova admiravel das suas faculdades de escriptor. BAGUTTA, o mais antigo e o mais conhecido dos premios literarios italianos corôou a sua fadiga, acenando-lhe o premio para o mais bello livro do anno. Conta a vida do artista, de um verdadeiro e grande artista, o esculptor Liberio Andreotti, prematuramente roubado ás artes. E' um livro cheio de vivacidade e de frescura, fluido e brilhante em todas as paginas, excellente modelo de uma bella prosa e de uma divertida biographia.

A obra é enriquecida com trinta desenhos originaes do autor e treze quadros fóra do texto: o que lhe accresce grandemente o valor.

MUSSOLINI: "*Volere e Spada*". Pensamentos e maximas de Benito Mussolini, colhidos por Lena Trivulzio. Hoepli, Milão, 5 liras.

Um bello e eloquente florilegio que illustra com as proprias palavras do Duce os principios mais profundamente humanas do pensamento fascista. E' o livro de Mussolini, homem e educador, breviar para a escola e para a vida italiana.

MONELLI PAOLO — "*Le Scarpe Al Sole*". X edição. Milão. Treves, 12
liras.

Saudamos com praze ro apparecimento dessa decima edição do afortunado livro de Monelli sobre a guerra. Aquelles que conhecem a guerra mundial sómente através das amargas paginas de Barbusse ou de Remarque, podem encontrar nas paginas do livro de Monelli motivo de conforto. Porque a guerra verdadeiramente vivida e honestamente contada não é, no fundo, tão terrivel como os pacifistas querem fazel-a parecer. E offerece tantas horas de serenidade no meio de suas inevitaveis dôres. As "*Scarpe al sole*" descreveu a guerra dos alpinos, isto é, daquellas maravilhosas tropas de montanha italianas, a quem tanto se deve pela presente victoria da Ethiopia. E' um livro são, profundamente humano, e, com o inequalavel "*Diario di Guerra*" de Mussolini, está em primeira linha entre os livros escriptos na Europa sobre a guerra mundial.

NEGRO SILVIO — "*Vaticano Minore*". Milão, Hoepli. 20 *liras*.

Silvio Negro é o redactor do "*Corriere della Sera*" nos assumptos do Vaticano. Por muitos annos viveu em contacto quotidiano com aquelle caracteristico mundo de altos prelados e humildes frades, que dirigem de ha tantos seculos os destinos da igreja catholica. O seu livro, rico de anedotas e de curiosidades, revela ao grande publico os processos mais delicados e as figuras mais interessantes que operam quotidianamente em torno á sagrada pessoa do Summo Pontifice.

LEOPARDI GIACOMO — "*Canti, Operette Morali, Pensieri, Volgarizzamenti, Paralipomeni, Saggi giovanili ed altri scritti. Carte napolitane, com aggiunte inedite*". Milão, Officina Tipografica Gregoriana. 60 *liras*.

Accuradissima edição das obras principaes do grande poeta recatente. Os nomes de Ricardo Bacchelli, conhecido romancista e poeta, e de Gino Scarpa, profundo estudioso de Leopardi, são a melhor garantia para a excellencia da obra.

SAVARESE NINO — "*Singolare Aventure*". Lanciano, Carabba. 10 *liras*.

Nino Savarese, que pertence ao grupo dos jovens escriptores sicilianos, nos apresenta neste seu volume tres novellas, publicadas entre 1921 e 1929:

CONSIGLIO ALBERTO — "*Cinemas Arte e Linguagem*". Hoepli. 12 *liras*.

E' um livro de vulgarização do cinema, considerado especialmente do ponto de vista esthetico. O autor, que é um conhecido jor-

nalista e apaixonado cultor da arte cinematographica, não se limita a descrever os longos e complicados processos mechanicos e artisticos que precedem, seguem e acompanham as produções de um filme, mas quer responder, e mesmo exhaustivamente, á grande pergunta: o cinema é uma arte? E a sua resposta é totalmente affirmativa.

A obra é adornada com 96 illustrações.

BACCHELLI — *"Il Raddomante"*. Milão, Treves. 12 liras.

E' a ultima produção desse forte e fecundo escriptor da nova Italia. Bolonhez, com pouco mais de quarenta annos de idade, chegou á celebridade com o romance *IL DIAVOLO AL PONTELUNGO*, traduzido em varias linguas e justamente festejado por toda a critica italiana e estrangeira.

Bacchelli é escriptor e de qualidade. E porquanto já tenha dado á literatura obras de profundo significado, os seus admiradores, que são muitos e exigentissimos, esperam delle a authentica obra prima. Seus livros mais recentes, como *MAL D'AFRICA* e este seu *RABDOMANTE*, constitue a maior garantia de que a esperanza se realizará.

Bacchelli, que vive em Milão, é tambem o Presidente vitalicio daquelle cenaculo de artistas que é conhecido pelo nome de *BAGUTTA*.

GIGLIOLI E. Q. — *"Arte Etrusca"*. Treves, Milão.

O autor, que está entre os mais agudos archeologos que possui Roma, organizador da *"Mostra Augustea della Romanità"*, que será inaugurada no proximo anno por occasião do bimillenario de Augusto, descreve em 426 illustrações e 10 quadros coloridos, a historia, os usos, costume e lendas daquelle grande mysteriosissimo povo, que precedeu Roma na marcha triumphal da civilização italiana.

ROSINA TITO — *"Federico Tozzi"*. Prefacio de Orio Vergani. Genova, Emiliano degli Orfini.

Ensaio critico sobre um dos mais fortes e infelizes escriptores do primeiro quartel deste seculo, Federico Tozzi, conhecidissimo especialmente pelo seu romance *LE TRE CROCI*.

O prefacio, devido á penna brilhante de Orio Vergani, que era um dos melhores amigos e admiradores de Tozzi, accresce de muito o interesse desta excellente obra.

SCIENCIAS SOCIAES

FACISMO E CORPORATIVISMO

EVOLA NICOLO — *Origini e dottrina del Fascismo — Guide bibliografiche dell' Istituto Nazionale Fascista di Cultura* — Florença, Sansoni. — 15 liras.

● Esta obra de Evola é o primeiro guia bibliographico organizado aos cuidados do Instituto Fascista de Cultura, presidido pelo senador Giovanni Gentile.

O guia, apresentado com um claro prefacio de Francesco Ercole, está dividido racionalmente por materia e contém milhares de titulos (entre volumes, artigos e opusculos).

A primeira parte se refere á crise do Estado, a segunda ás origens e affirmações do Fascismo, a ultima aos fundamentos historicos e ideaes do Fascismo.

CORTI P. — *“La Carta Del Lavoro e I Contratti Collettivi”*. Florença, Stamperia Frattorolo. 10 liras .

Diligente estudo feito sobre as actividades das associações syndicaes, especialmente no campo das estipulações do salario, e, pois, sobre a applicação da declaração XII da “Carta del Lavoro”, que estabelece que o salario deve corresponder ás exigencias normaes da vida, á possibilidade da producção e ao rendimento do trabalho.

GIOCCA GAETANO — *“Economia Di Massa”*. Edição Quadrante. Roma. 12 liras.

Livro de grande interesse nestes annos de evolução e revolução economica. O autor, já conhecidissimo na Italia por uma sua afortunada obra precedente: GIUDIZIO SUI BOLSCEVISMO, voltou sua attenção, co mesta nova obra, para a indagação das causas economicas que levaram a America á prosperidade e depois á crise. O autor considera que os phenomenos economicos obedecem sempre mais a principios simples e elementares, como os phenomenos physicos. E constroe uma nova doutrina, que tende a estabelecer a supremacia dos factores espirituaes sobre os materiaes.

ERCOLE FRANCESCO — *Rivoluzione Fascista* — Palermo, Ciuni. — 20 liras.

O autor é professor da Universidade de Palermo, e já foi Ministro da Educação Nacional. E' uma nova historia da Revolução Fascista, vista escripta com a mente serena e aguda de um historiadador de grande valor e que sentiu desde suas origens a profunda in-

fluencia renovadora que as grandes concepções do Duce estavam destinadas a causar na Italia e nos italianos.

ROMANINI LUIGI — *Scuola Littoria, il fondamento dottrinale corporativo della educazione fisica*. — Torino, Paravia. — 9 liras.

Depois de ter exposto a historia das idéas pedagogicas do seculo XIX, o autor demonstra o intimo nexó entre os principios educativos e o espirito corporativo, introduzido pelo Fascismo, porquanto não se póde falar em uma sã educação da juventude, onde faltam a paz e a segurança no interior do Estado.

MUSSOLINI BENITO — *Scritti e Discorsi*. — Edição definitiva. — Volume IX. — Milano, Hoepli. — 12 liras.

Este ultimo volume, surgido recentemente, da edição dos escriptos e discurso de Benito Mussolini, abrange o periodo interessantissimo da historia italiana, que vae de janeiro de 1934 a novembro de 1936. Tambem os primeiros, brevissimos discursos pronunciados por occasião do conflicto abyssinio, foram publicados. A crescente fortuna desta magnifica edição do editor milanez nos dispensa qualquer outra palavra.

PERGOLESİ FERRUCCIO — *Istituzioni di Diritto Corporativo*. — Segunda edição. — Torino, Utet. — 40 liras.

Exgottada rapidamente a primeira edição, o illustre cathedratico da Universidade de Ferrara iniciou a revisão da sua obra, renovando-a em grande parte, segundo as novas reformas legislativas e as mais recentes tendencias da jurisprudencia.

A primeira parte trata da historia do movimento syndical, na Italia e no estrangeiro; a segunda se refere aos problemas da organização syndical e pois ao reconhecimento dos syndicatos, e ás suas varias actividades.

A segunda parte do volume desenvolve a ordenação corporativa, através o Conselho Nacional das Corporações, as corporações e os outros órgãos subsidiarios. E se estende tambem á ordenação judiciaria e depois finalmente sobre as normas repressivas, contra os crimes individuaes ou collectivos de auto-defesa de classe.

DE LITALA LUIGI — *Diritto Processuale del Lavoro*. — Torino, Utet. — 20 liras.

Obra com tendencia theorico-pratica, utilissima aos estudiosos, aos advogados, aos magistrados e ás organizações syndicaes directamente interessadas nessa materia. O autor é juiz do Tribunal do Trabalho de Torino.



PALAZZO GALLENGA-SEDE DELLA R. UNIVERSITÀ ITALIANA PER STRANIERI

REGIA UNIVERSITÀ ITALIANA PER STRANIERI

PERUGIA

CORSI DI ALTA CULTURA
E DI LINGUA, LETTERATURA STORIA
E ARTE D'ITALIA

ANNO ACCADEMICO 1936 (XIV E F)

1° APRILE - 30 GIUGNO

1° LUGLIO - 30 SETTEMBRE

1° OTTOBRE - 23 DICEMBRE